

Num.
28
Anno I

AMICA

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

19
de Agosto
1922



O JOGO DA DAMA

P. 72

1822 CENTENARIO DA INDEPENDENCIA 1922

GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA
BRASILEIRA

9.550:000\$000

MAIS DE 70%

BILHETES
INTERIORES
E
MEIOS

DECO
VIGESIMO
E
CENTESIMO



AUXILIAE ESTA CRUZADA

PREMIOS MAIORES:

1 de	5.000:000\$000
1 de	1.000:000\$000
1 de	500:000\$000
1 de	200:000\$000
2 de	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

OS PREMIOS SERÃO PAGOS PELA THEsourARIA DO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO RIO DE JANEIRO

EXTRACÇÃO EM 7 DE SETEMBRO DE 1922

PELO SYSTEMA DE URNAS E ESPHERAS INTEIRAMENTE NUMERADAS

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras

Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

Catador "Progredior"

Temos o catador "PRO-
GREDIOR", combinado
com esbrugador, machina
de grande vantagem para
o perfeito beneficio do café.
Temos tambem o sepa-
rador "SINGELO".

Peçam catalogo illus-
trado a

Martins Barros & Cia. Ltda.

End. Teleg.: "PROGREDIOR"

CAIXA, 6

S. PAULO

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de
todas as enfermidades provenientes das
impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

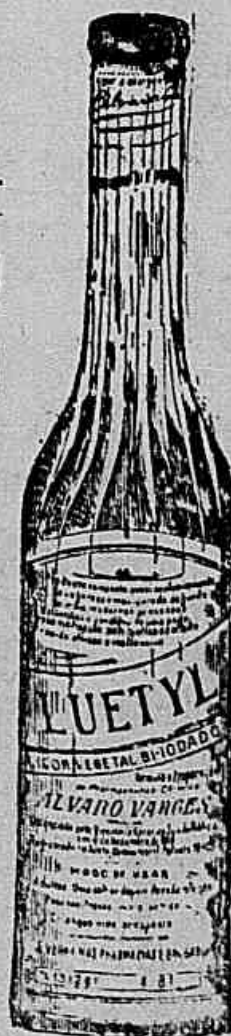
UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O
PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS

Unico especifico adop-
tado nos hospitaes do
Exercito e da Marinha
depois de OFFICIALMEN-
TE, estudado e experi-
mentado, ficando pro-
vado o seu incomparavel

::: valor :::

Unico receitado pelos
especialistas para o tra-
tamento e diagnostico
da syphilis, por ser de
efeito muito rapido e
absolutamente inoffen-
sivo a qualquer orga-

::: nismo :::



Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez
de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de-
verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que
soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.

Depositarics: **PLINIO CAVALCANTI & C.^{ia}**



**REGULADOR
FONTOURA**

O GRANDE
REMÉDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO

Triana PO. DE
ARROZ
ELITE

Formula de Cléo de Merode, a artista que dominou Paris pela sua rara beleza. À venda em todas as boas perfumarias e pharmacias. Depositarios: Domingues & C. — Avenida, 149 (2.^o andar).

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, Sabbado, 19 de Agosto, Às 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

100:000\$0000

INTEIROS, 29\$700 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da Companhia á Rua 1.^o de Março, 88.

**MELHOR QUALIDADE
MENOR PREÇO**

CAMISAS modelo americano em zephir, luizine, percal, seda, etc., pyjamas, cuecas, meias, gravatas, lenços, collarinhos, ligas, suspensorios, camisas e ceroulas de malha de lã, cache-nez e cache-col de lã e de seda, etc., etc.

Na CASA ESTRELLA

OUVIDOR, 134



GRIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL



Visitem, o

AO 1.º BARATEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 100

VESTIDOS FINOS

Deslumbrantes exposições
dos mais elegantes mode-
los, nos amplos salões do
1º andar.

Ascensor

Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Romances Illustrados de PAULO DE KOCK a 1\$500

A educação de Flóra
A filha da porteira
Amor e ciúme
Casamento forçado
A Dama côr de rosa

As ligas da noiva
A bella costureira
A rival de sua filha
A filha perdida
O collar de diamantes

A FILHA DO JUDEU — contos do vigário — contos humorísticos de Armando Ferreira	1\$500
AMORES SENIS — romance, por L. Fiany	1\$500
FARRAPOS DA VIDA — F. Schwalbach — typos, usos e costumes	1\$500
UM CABRA PERIGOSO — contos singelos	2\$000
A VESPERA DO NOIVADO — conselhos aos noivos e recém-casados	1\$500
AS TREZES NOITES DE JOANNA	2\$000
MEMORIA DE UMA CREADA DE SERVIR	3\$000
DESGOSTOS NA VIDA DOS CASADOS — H. Balzac	1\$000
QUE É A TERRA? — Guerra Junqueiro	1\$000
ENTREVISTA AMOROSA	1\$000
ARTE DE SE FAZER AMAR — por Mme. X.	500
A CEIA DE CLEOPATRA	200
O BANHO DE ADELINA	200

PELO CORREIO MAIS 500 rs. SOBRE OS PREÇOS MARCADOS

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

Casa Gaúcho

[não tem] filiaes

Loterias, commissões e descontos

L. COSTA & C.

RUA CHILE, 3

Telephone Central 5470

Ender. telegr. GAÚCHO

Caixa Postal 481

RIO DE JANEIRO

Rheumatismo... Syphilis...

Talvez tenha tomado todos os depurativos annunciados, sem resultado. De facto estes medicamentos contêm sómente mercurio e iodureto de potassio — e isto não basta. É indispensavel que estes dois ingredientes que tanto mal fazem ao organismo, possuam um outro elemento capaz de corrigir o estrago causado pelo mercurio e iodureto de potassio (este elemento é o arsenico **base do 914** e que tantos milagres tem feito). O mercurio e iodureto de potassio produzem perturbações e muitas vezes lesões no estomago, bocca, nariz, ouvidos, cabeça e innumeras espinhas e manchas de pelle; no entanto se esses medicamentos fossem preparados segundo as ultimas descobertas scientificas, evitar-se-iam os estragos que os mesmos produzem.

Em geral os doentes que soffrem de rheumatismo, feridas, comichões, pannos no rosto, espinhas e outras molestias da pelle, só conseguem restabelecer-se tomando "**AVARICURA**" e isto pelo simple facto de ser a mais recente descoberta em que o arsenico produz os seus inegualaveis effeitos.

Não devemos descurar da belleza physica e para conseguirmos o supremo gráo de saude, felicidade e eugenismo, devemos tomar todos os annos, durante **30 dias** (um mez de tratamento — ou sejam 6 vidros deste maravilhoso medicamento), um calix antes de cada refeição. Não tem dieta nem regimen especial.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

Pedidos a **Rodolpho Hess & Cia.** — Rua Sete de Setembro, n. 63 — Rio de Janeiro.

A. MACÃ

Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A PROPAGANDISTA



O sr. Abdon de Carvalho considerava-se um homem sem sorte. Industrial honesto e infatigável, fundara com dinheiro proprio aquella fabrica de cigarros de Santa Alexandrina, com a espera de tirar, em pouco tempo, excellentes resultados. Conhecendo o valor da propaganda á maneira americana, fel-a, com intensidade. Alugou paginas de jornaes diarios, de revistas, de almanacks. Mandou atirar prospectos do alto de um sobrado, na Avenida. Contractou pedaços de muro. Pagou «camelots», que gritavam á rua do Ouvidor. Fez, emfim, o possivel, para que toda a gente procurasse, nas tabacarias, os cigarros Abdon de Carvalho.

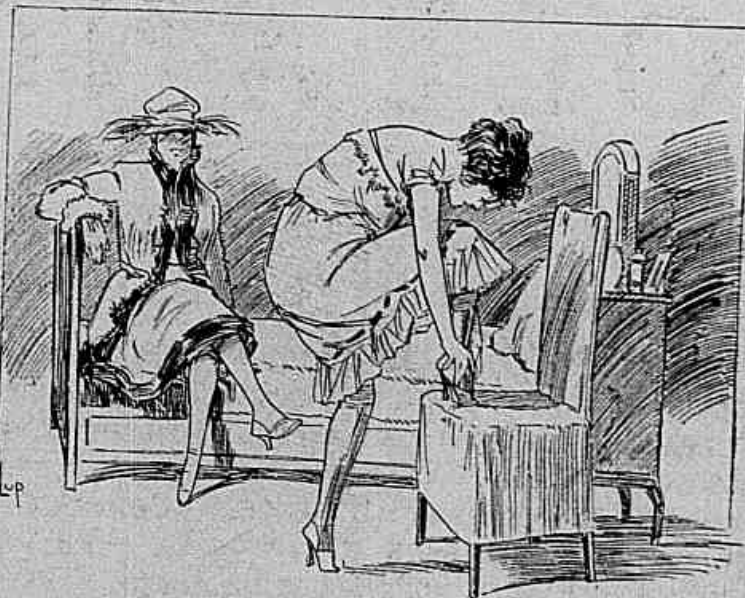
O destino do jovem industrial era, porém, lutar com a fortuna, e os seus cigarros não tinham collocação no mercado. O deposito estava cheio, repleto, abarrotado. As casas que os vendiam, recusavam renovar as compras, allegando falta de consumo. E era desolado com essa marcha do negocio, maldizendo a sua estrella, que o desventurado commerciante passava as noites sem dor-

mir, andando de um lado para outro do quarto, onde a esposa, indifferente a tudo aquillo, roncava santamente.

Certo dia, appareceu no escriptorio da fabrica, recommendado por um antigo consumidor, um cavalheiro louro, corado, de origem allemã. Ia offerecer ao industrial um processo novo de propaganda.

— E' simples, commodo, elegante, e de grandes resultados. — dizia elle — Trata-se de umas fitinhas para amarrar embrulhos, nas quaes sejam estampados dizeres recommendando a sua

PREOCCUPAÇÃO



— Mette até pena sahir com um sapato d'estes!
— ? ...
— Elles não sabem pisar a gente com geito!

marca de cigarros. Distribuem-se os carriteis de fitas por varias casas commerciaes, as quaes amarrarão com ellas todos os pacotes de compras, fazendo, assim, a propaganda natural do seu producto.

— Não, senhor, não quero, — protestou Abdon. — Já estou cansado de gastar dinheiro com «reclames» que nada rendem. Não tomo nenhuma iniciativa mais. Estou farto de experiencias.

O allemão era, porém, habilissimo. Achava que Abdon não devia des-

ESTES ATTESTADOS MEDICOS



ATTESTADO DO DR. BRUNO LOBO

Attestado do Exmo. Sr. Dr. Bruno Lobo, professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. "Sendo o **"POLLANG"** um medicamento anti-syphilitico no qual estão associados intelligentemente o Iodo e o Mercurio, deve o mesmo ser preferido pela segurança dos seus efeitos.

Rio, 6 de Nov.^{bro} de 1921.

(a) **BRUNO LOBO**

Professor da Faculdade de Medicina e Director do Museu Nacional.

ATTESTADO DO DR. M. BASTOS DE OLIVEIRA

Attesto que tenho empregado na minha clinica, com resultados positivos, o depurativo **"POLLANG"**, nos casos, mesmo graves, de syphilis e suas manifestações.

Rio, 27 de Junho de 1921.

DR. M. BASTOS DE OLIVEIRA.

Rua Sorocaba, 29

**provam
ao
doente**

**Que o
poderoso
depurativo**

ATTESTADO DO DR. ARRUDA VALLIM

Attesto que pela via gastrica dá resultados satisfactorios nas manifestações da syphilis o Depurativo Pollang.

DR. ARRUDA VALLIM.

Rua General Polydoro n. 2

ATTESTADO DO DR. HENRIQUE GUIMARÃES

O depurativo Pollang pela acção energica de sua base, tem se recommendado á confiança e á preferencia da classe medica, como optimo recurso da therapeutica especifica.

Assim, nas multip'as manifestações syphiticas, o seu effeito é positivado com bastante segurança, pelo que muito o prescrevo na minha clinica tanto a adultos como a crianças.

DR. HENRIQUE GUIMARÃES.

Rio, 8-7-22.

POLLANG

é o UNICO capaz de restituir-lhe a SAUDE
Combate com EFFICACIA

As manifestações syphiliticas, taes como:
Rheumatismo — Gotta — Palpitações — Suffocações — Desanimo —
Dôres nas costas e nas pernas — Dôres musculares — Dôres nos
ossos da cabeça — Dôres Nevralgicas — Feridas Purulentas — Bu-
bões — Escrophulas — Erupções — Comichões e bobas nos pés —
Quédas dos dentes e dos cabellos — Purgações nos olhos, nos
ouvidos — Placas no rosto e no corpo — Perturbações e desarran-
jos do systema articulario — Varizes — Ulceras Variolasas — Phe-
bites — Arterio-sclerose.

Em todas as Drogarias e Pharmacias



Os contos do almirante

A vingança do Barnabé

O sr. Barnabé Sampaio havia fallado na vila. Funcionario de um dos nossos ministerios, tinha marcado passo desde amanuense, conseguindo chegar, apenas, por antiguidade, a 2.º official. Toda a gente passava adeante, por merecimento. Barnabé ficava. E ficava sem inveja, sem revolta, sem protesto, contente com o seu destino.

A preterição de que era victima possuía, entretanto, um fundamento: Barnabé não trabalhava, não cumpria os seus deveres, comparecendo á repartição já com o ponto fechado, e isso mesmo para fazer jús a um pequeno lugar, mensalmente, nas folhas de pagamento.

Baixo, gordo, o bigode grisalho entrando pela bocca, sahia de casa pela manhã, e voltava alta noite. Botequim em que elle se sentasse com um bohemio da sua força, não fechava antes da madrugada. E foi por isso que Dona Jesuina, assim que o filho completou vinte annos, lhe disse, logo:

— No primeiro concurso que se abrir no Ministerio, Luiz, tu vaes te inscrever. Nós não podemos contar com o teu pae para nada, e é preciso que tu assumas, quanto antes, a direcção da familia.

Activo, intelligente, estudioso, o rapaz começou a preparar-se para o concurso. E quando este foi aberto, inscreveu-se, tirando, em todas as materias, o primeiro lugar. Nomeado, graças ao brilho das provas, patenteou, logo, tamanho amor ao trabalho, que, no segundo anno, foi promovido a 3.º official, com exercicio no gabinete do ministro.

Excellent rapaz, sahio do gabinete, aos vinte e trez annos, como 2.º official, isto é, na classe do pae. Aos vinte e cinco era promovido a 1.º e, aos trinta, investido nas funções de chefe de secção, interinamente, e, por um capricho da sorte, da mesma secção em que funcionava Barnabé.

Vadio incorrigivel, este não se preocupava com a brilhante carreira do filho. O rapaz ha-

via assumido a direcção da familia e o tchémio, cada vez mais intolerável, continuava a zombar dos Regulamentos.

— Meu pae é a minha vergonha! — dizia o moço, em casa. — E o que é pior, é que não leva a serio os seus deveres, não comparecendo á hora regulamentar. Se elle continuar assim, eu terei de reprehendê-lo, chamando-o á ordem, na presença dos outros funcionarios. Se elle não quer cumprir com a sua obrigação, eu saberei cumprir com a minha.

Bondosa e soffredora, Dona Jesuina chamava a atenção do marido:

— Barnabé, toma juízo, meu velho. Sê mais assiduo á repartição. Achas bonito, então, seres reprehendido publicamente pelo teu filho?

O bohemio sorria, zombando da ameaça, até que esta, um dia, chegou.

Luiz havia distribuido um serviço ao pae, e, quando pensou que estava concluido, Barnabé não havia, sequer, começado.

— Senhor Barnabé, faz favor? — chamou o rapaz, chegando á porta do salão.

O 2.º official aproximou-se, e entrou.

— O senhor — começou Luiz, — o senhor tem abusado demais dos seus superiores hierarchicos, deixando sem execução as ordens que lhe são dadas. Se o senhor não mudar de vida, darei parte ao ministro, pedindo a sua demissão. Pode retirar-se!

Barnabé baixou a cabeça, e retirou-se. Ao chegar, porém, fora do gabinete, onde os collegas o esperavam, rugiu, a testa franzida:

— É uma vingança do arde d'esse chefe contra mim. Eu sei porque elle me está perseguindo!

Os collegas cercaram-no.

— Elle me persegue — tornou Barnabé, — mas eu vou me vingar.

E tomando o chapéo, no cabide:

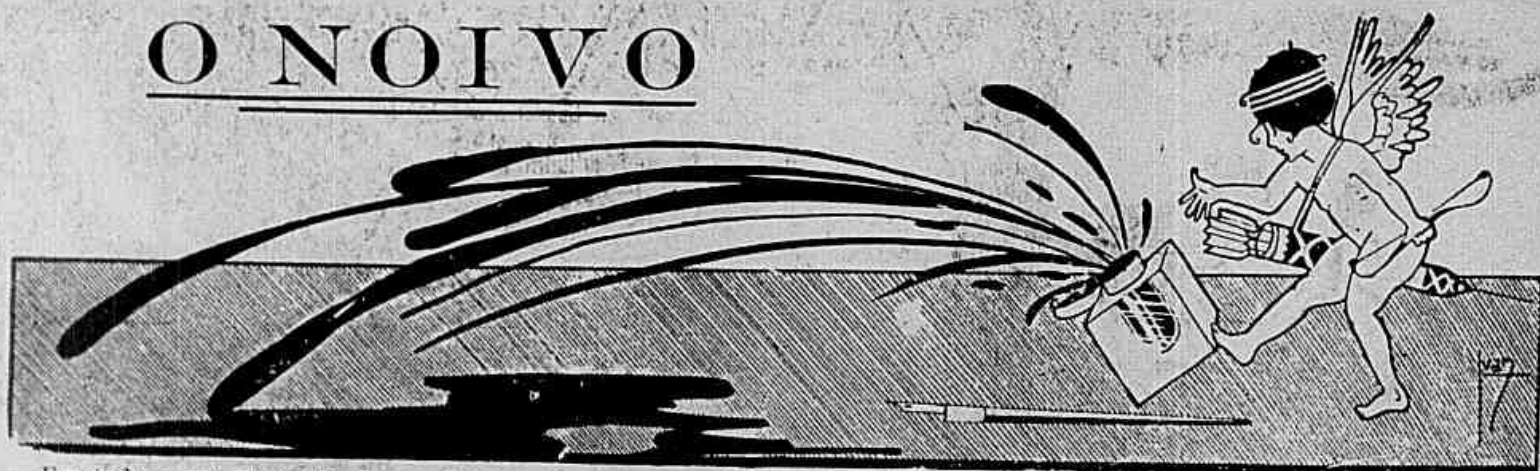
— Vou dar uns beijos, hoje, na mãe d'elle!

Almirante Justino Lias



Tipo
1/922

O NOIVO



Em toda a rua Nossa Senhora de Copacabana, da praça Serzedello para cima, não havia noivos que mais se quizessem. A tarde, encerrado o expediente da Secretaria, o Gustavo não se detinha na Avenida nem mesmo, para engolir um café: tomava um bonde e corria á casa da noiva, onde a Zizinha já o esperava com a sua «toilette» fresca, para um ligeiro passeio pela praia. Ao anoitecer, tornavam á casa, jantavam, e, braço dado, lá se iam para o cinema, onde se encolhiam a um canto, indifferentes ás bufonarias de Cirilito e, ainda menos, á bravura de Tom Mix.

Carinhoso com a noiva, o rapaz não ia ao seu encontro sem levar-lhe uma pequenina lembrança. Hoje, era um pacotinho de balas, amanhã, um livro, mas, sempre, alguma coisa. E foi com esse pensamento que, naquela tarde, entrou numa confeitaria do caminho, comprando um cartucho de balas de hortelã, e outro de chocolate com creme. Chegado á residência da menina, offereceu:

— Olha o que eu te trouxe! Hortelã.

— Não; eu gosto mais de chocolate.

— Toma as de hortelã. E' melhor.

Zizinha insistiu, porém, pelo chocolate com cre-



anizar. E para encorajal-o, arrancou do bolso um metro de fita, nas cundições da offerta, na qual se lia, impresso, e seguidamente: «Fumem os cigarros Abdon de Carvalho — São os melhores do mundo». E isso repetidamente, até o fim da fita.

— Pode ser muito bom, mas não quero, — insistiu o industrial.

— Não faça isso, sr. Abdon, não faça isso! — teimava o vendedor. — O senhor não sabe o que está perdendo.

E para animal-o:

— Olhe: eu lhe deixo aqui esse pedaço de fita, unico que imprimi, a titulo de amostra. O senhor examina, pensa, medira. Dentro de uma semana eu virei buscar a resposta.

Dois dias depois d'esse dialogo, procurava Dona Clarinha uma fita para prender a meia, apressada para ir á cidade quando viu, sobre um movel, aquella tira amarella, com aquelles dizeres recommendando os productos Abdon de Carvalho. Tomou-a nas mãos, experimentou-lhe a solidez, e, vendo que era forte, amarrou-a um

me, abriu o cartucho, e poz-se a comel-o, gulosamente. Ao chegar á praia, queixou-se:

— Sabes de uma cousa? Eu não estou me sentindo bem. Vamos para casa?

Em casa, começou a vomitar, e vomitos foram esses que, duas horas depois, estava morta, euvnenada pelo chocolate que havia comido.

Desolado, Gustavo tomou o caminho da sua residência, no Leme. Pallido, nervoso, não se continha, andando de um lado para outro, numa afficção desesperadora.

— Que é isso, meu filho? Socéga! — pedia-lhe a mãe, juntndo as mãos. — Eu comprehendo o teu soffrimento... Foi porque perdeste a tua noiva... Não é?

— Não, minha mãe não! — gemia o rapaz.

E num grito de consciência, arrancado do fundo da alma:

— Imagine a senhora que... eu estive para comer o chocolate!...

E teve um arrepio, de horror.

Tenente Matheus

pouco acima do joelho. Vestiu, em seguida, a cinta, a «combinação», e aquelle vestido branco, que lhe ficava tão bem, e desceu, no bonde das duas horas, para a Avenida.

Solida, firme, resistente, a fita durou cinco dias, prendendo as meias de Dona Clarinha. No fim de uma semana, o allemão appareceu no escriptorio da fabrica.

— Então, quer ou não quer que eu fabrique a fita?

— Não, senhor; não quero, não, — respondeu o industrial. — Não preciso mais de réclame.

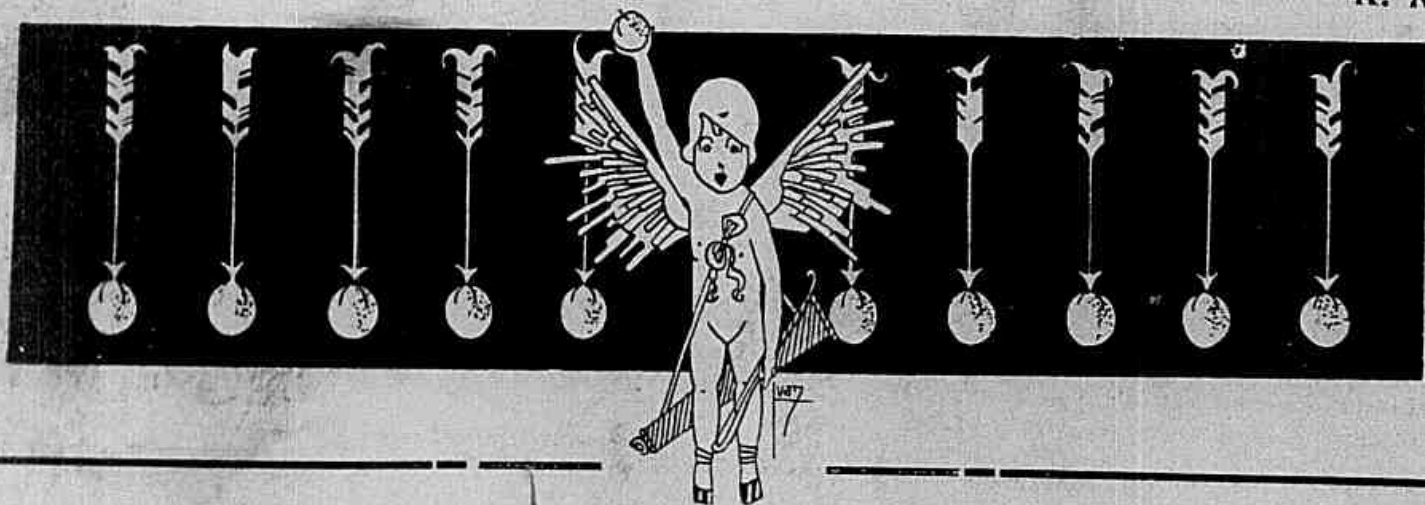
E accendendo um charuto, feliz, satisfeito, recostando-se no espaldar da cadeira:

— Nestes ultimos cinco dias tem sido uma procura enorme. O deposito está vasio e chegam encommendas, a todo o instante, dos revendedores da Avenida.

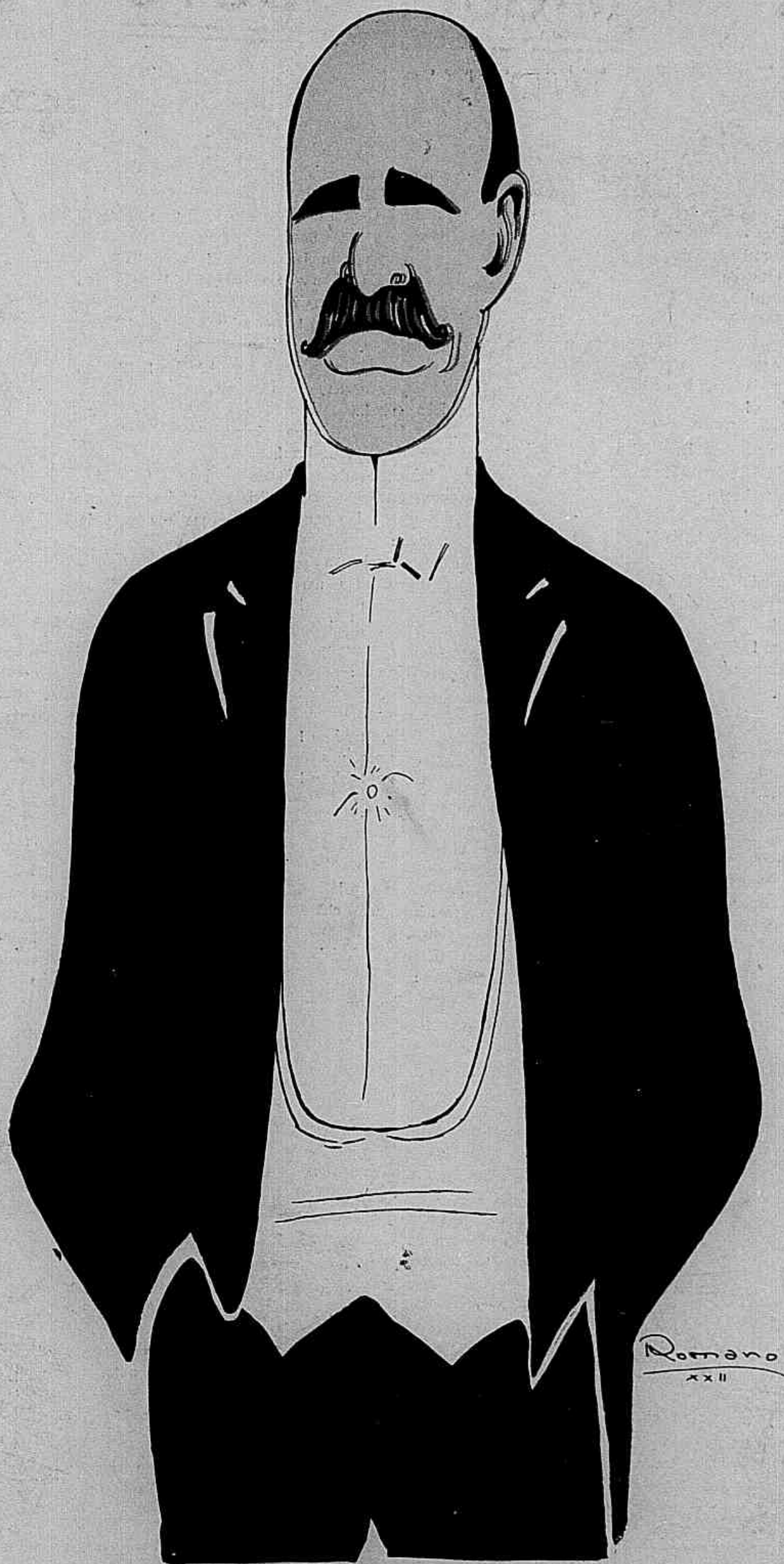
E sem saber de onde lhe tinha vindo, de subito, aquella mudança de sorte:

— Não ha ninguém, hoje, na cidade, que não fume os cigarros Abdon de Carvalho!...

X. X.



FIGURAS NACIONAES



MIGUEL COUTO

MIGUEL COUTO



tregue a si mesma, costurava dia e noite para sustentar a casinha singella. E o seu pensamento, a todo instante, era para aquelle filho tão seu amigo, que, comprehendendo-lhe o esforço, não se cansava de confortar-a, com um livro aberto diante do candieiro de kerozene:

— Deixe estar, minha mãe; dentro de pouco tempo eu estarei formado, e a senhora descansará de tanta fadiga.

Anos depois apparecia no portal do sobradinho da Saude uma placa modesta, com os dizeres: Dr. Miguel Couto-medico. E como o bairro fôsse, como ainda hoje, o mais pobre e mal afamado da cidade, começaram a apparecer, logo, os chamados, para soccorros a feridos. De vez em quando era uma cabeça quebrada, uma bala no fígado, uma punhalada nos intestinos, um caso grave, consequencia de um conflicto. E lá se ia o jovem medico, a pé, alta noite, por aquelles morros ingremes e perigosos, para receber como paga um «muito obrigado», ou, no maximo, cinco mil reis em nickel ou em cédulas de cinco tostões.

Foi o contacto d'essa clientela de chapéo ao lado e cigarro ao canto da bocca que fez de Miguel Couto um timido e um santo. Habitudo a esses chamados no misterio da treva, deixava-se ficar a noite inteira ao lado do velho lampeão de kerozene, que lhe ensinara as primeiras letras. E enquanto o cliente eventual não vinha, ficava a ler, a estudar, a fortalecer o espirito no convívio dos grandes mestres da medicina, meditando os poetas, os philosophos, os genios de todos os tempos. E quando adormecia, madrugada já, sem que lhe viesse um chamado, apparecia um anjo, doce, meigo, nas pontas dos pés, abaixava a luz do candieiro, e desaparecia, outra vez, num sorriso, depois de lhe haver deixado na testa, como uma benção, o seu beijo maternal.

Em 1900, havendo na Faculdade de Medicina uma cadeira de clinica a preencher, appareceu, inscripto, um candidato unico: Almeida Magalhães, cujo nome infundia respeito á mentalidade medica da cidade, e que, para maior segurança da victoria, pertencia ao partido scientifico chefiado por Francisco de Castro. Dezenas de medicos ambicionavam a cadeira. Assim, porém, que se falava em Almeida Magalhães, recuavam:

— Não; com elle, não; é tempo perdido. Não só é um sabio como conta com toda a Congregação.

E estava Almeida Magalhães sorrindo, sem competidor, quando appareceu um segundo candidato.

— Quem é? — indagava-se.

— E' um Miguel Couto; um medico da Saude.

E um sorriso de piedade acolhia, logo, a lembrança do moço desconhecido, que assim ia perder, ingloriamente, o seu tempo o seu latim.

Chegado, porém, o dia das provas oraes, houve, na assistencia, um movimento de espanto. Quem estava adiante de Golias não era um hebreu commum: era David. Irritado com a resistencia do competidor, Almeida Magalhães agitava-se, gria, esmurrava a mesa. Miguel Couto sorria, bondoso, e, com aquella calma que jamais o abandona, refutava uma por uma as theorias do mestre.

— E' espantoso! — confessou Francisco de Castro. — Elle está ao corrente de todo o movimento da medicina! E' espantoso!

E alisando a barba irreprehensivel, confiante no seu candidato:

— Ainda temos, porém, a prova clinica. Na oral, elles emparelharam. Nesta, agora, o Magalhães ha de vencer!

A noticia do que se dava na Faculdade fazia encher, agora, o amphitheatro da Santa Casa. Dezenas de medicos apertavam-se para assistir aquelle «match» descisivo. Trazido o enfermo, que serviria para campo de provas, Almeida Magalhães fez o seu diagnostico. Miguel Couto fez o seu. Verificado o obito, e feita a autopsia, Francisco de Castro ficou mais pallido do que era: Miguel Couto havia acertado, derrotando brillantemente um dos maiores clinicos do Rio de Janeiro!

Professor da Faculdade, começou, para Miguel Couto, o conhecimento da gloria, em todas as suas manifestações. Bondoso, simples, desinteressado, captivou, prendeu, conquistou a cidade. Collegas e discipulos adoram-no, veneram-no, numa verdadeira idolatria. A sua singelleza é de um encanto que commove. Não se conhece caracter mais puro, espirito mais doce, nem alma que irradie maior candura, no esplendor de mais alta sabedoria.

— E' um santo! — dizem os leigos em medicina.

E os medicos, a uma voz:

— Um santo e um sabio!

A sua bondade tem, realmente, feições encantadoras e commoventes. O soffrimento alheio é soffrimento seu. Se o doente padece, Miguel Couto padece com elle. Se morre, elle chora com a familia. Certa vez, assistente de um homem illustre, o enfermo entregou a alma ao Creador. Miguel Couto puxou o lenço, e desatou a chorar. De repente, voltou-se: a familia do morto estava, toda, de olhos enxutos, sendo elle, entre os presentes, o unico que sentira aquella morte!

— O meu trabalho quando morre um cliente do Miguel, — confessa, na sua ternura



(Cont. em «Justificação»)



□□□□□□□□ A EPIDEMIA □□□□□□□□

Desde o primeiro dia da molestia a familia ficara impressionada.

— Coitadinho do meu Luiz! — lamentava a pobre Dona Thereza, com o rosto em lagrimas, torcendo as mãos afflictamente. — Coitadinho do meu Luiz!...

O caso era, realmente, para fazer afflicção. Embora sem febre, o rapazola começara a sentir-se mal, com violenta dor de cabeça e dores terribes pelo corpo. Em seguida, veio um abalo nervoso, com tosse e vomitos, que não paravam mais, zombando de toda a medicação.

A idade do enfermo contribuia, talvez, para gravidade do mal. Com vinte e um annos apenas, estava elle nesse periodo em que o coração domina o organismo. E era com medo que a caldeira fizesse parar o navio, que Dona Thereza, desilludida dos medicos, resolveu consultar, quanto antes, um feiticeiro da cidade.

— Deixa-me consultal-o, Leandro! — pedia a virtuosa senhora ao marido. — E' uma tentativa como outra qualquer. Nós não podemos deixar morrer assim o nosso filho!

— Mas, minha mulher — protestava o esposo. — Isso é bruxaria. Uma creatura como tu não pode acreditar em intrujões!

Dona Thereza foi, porém, incançavel. E tanto pediu ao esposo, que este, afinal, accedeu, concordando que ella consultasse, quanto antes, o famoso Pae Macario, cujos milagres eram celebres não só entre o povo, entre a gente ignorante, como nas rodas elegantes, que o consultavam na calada da noite, por intermedio de damas embuçadas que saltavam de sump'u-sos automoveis particulares.

Submettido a Pae Macario o caso do Luiz, o feiticeiro recolheu-se, resou, e, após alguns momentos de meditação profunda, declarou:

— A molestia do rapaz, minha filha, é muito grave, e exige tratamento urgente e delicado. Elle é noivo; não é?

— E', Pae Macario.

— Pois, bem: o remedio é ter a velar por elle, sosinha, no mesmo quarto, durante uma noite, a sua noiva. E' o unico recurso. Sem isso, elle morrerá!

— Minha Nossa Senhora! — gemeu Dona Thereza. — Como ha de ser? A Ninita se submeterá a isso, a essa obra de caridade, meu Deus?

O caso era, entretanto, sério e urgentissimo. A dor de cabeça e os vomitos do Luiz continuavam teimosos, enfraquecendo o rapaz. A pobre mãe pensou nisso e correu á casa da futura nora.

— Minha filha, gemeu — A vida do Luiz está nas tuas mãos. Se tu não lhe fôres fazer companhia, como enfermeira, durante uma noite, meu filho não sobreviverá!

Compadecida e bondosa, Ninita não consentiu que Dona Thereza chorasse mais. A' noite, foi. E no dia seguinte, o Luiz entrava em convalescença, sem dor de cabeça e com os vomitos estancados, — sendo a noticia, logo, divulgada por toda a cidade, que abriu a bocca, admirando o milagre.

Dois dias depois, porém, começaram as ruas a despovoar-se. Uma tristeza profunda invadia a localidade. As casas de commercio fecharam. O Correio, o telegrapho, a collectoria e demais repartições não funcionavam, paralyzados.

A cidade inteira estava desolada, com a epidemia. Não havia homem solteiro, e noivo, que não estivesse em casa, vomitando, e queixando-se de dor de cabeça!...

Herodes Pinto

EU, TAMBEM !



Helena era uma rapariga encantadora, gentil como tudo. Desgraçadamente possuía um defeito, que era aquella mania execravel de responder a proposito de tudo :

— Eu, tambem !

Uma das amigas communicava-lhe, por exemplo, que ia comprar um vestido preto e vermelho, para usar com um chapéo encarnado. E logo ella, sem dar por isso :

— Eu, tambem !

Na casa paterna, ás vezes, fallava-se em molestias graves. Fulano tem isto; fulana tem aquillo; sicrano está á morte. E a menina, logo, sem levantar a cabeça :

— Eu, tambem !

Ella participava de tudo, sabia de tudo. Durante a guerra, alguém, em palestra á mesa, informou que Guilherme II ia marchar sobre Paris com quinze milhões de homens. Helena ouviu, e secundou :

— Eu, tambem !

Pelas suas respostas ou apartes, havia sido ella a descobridora da dirigibilidade dos balões, com Santos Dumont; do radium, com Mme. Curie; do telephone, com Bell; do phonographo, com Edison; e de outras cousas maravilhosas, impulsionadoras do progresso universal. E essa mania, que era mais um cacoete, irritava o Sr.

e a Sra. Gonçalves Gomes, que faziam o possível para pôr termo áquella tentação.

— Acaba com isso, Nenen ! — pedia-lhe a mãe. — Eu já não tenho te peido que não digas «eu, tambem» ?

— Eu, tambem ! — reinava a mocinha.

Furioso, o sr. Octaviano gritava :

— Tu já fazes isso, por desufôro ! E's tão teimosa, que eu chego a pensar que não és minha filha!...

E Helena, mesmo chorando :

— Eu... tam... bem!...

Informado da mania da menina, o Luiz Marques, estudante de medicina, em conversa com ella, contou-lhe uma historia, que era uma verdade :

— Imagine a senhora — começou elle. — como eu estou nervoso !

— Eu, tambem ! — estribilhou Helena.

— A Marianinha, uma conhecida minha, prometteu dar um passeio de automovel commigo !

E Helena :

— Eu, tambem !

— Depois, vamos ceiar.

— Eu, tambem !

— Vamos nos divertir muito !

— Eu, tambem !

Alguns mezes depois, Dona Enedina chamou o sr. Octaviano, e communicou :

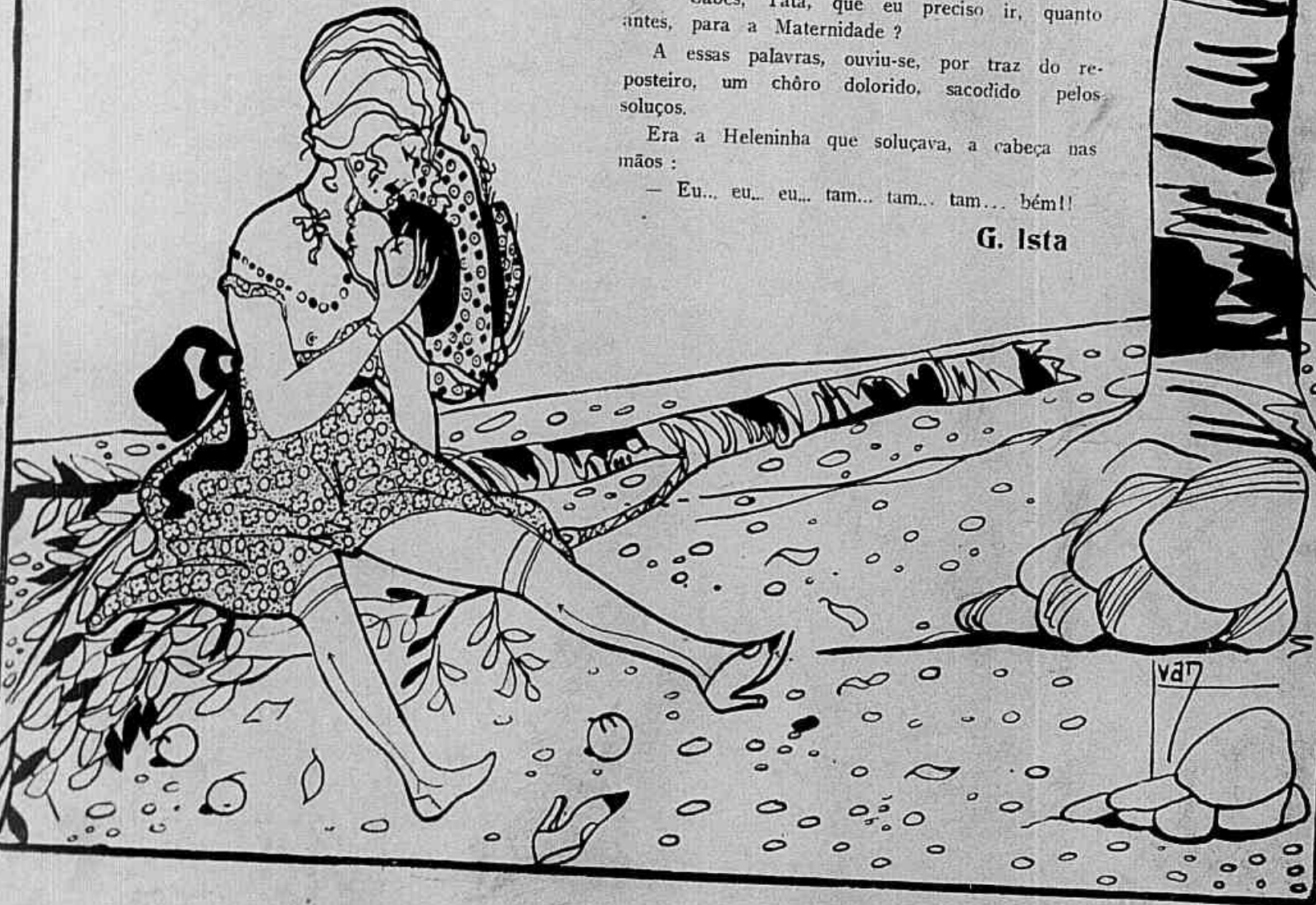
— Sabes, Tatá, que eu preciso ir, quanto antes, para a Maternidade ?

A essas palavras, ouviu-se, por traz do reposteiro, um choro dolorido, sacodido pelos soluços.

Era a Heleninha que soluçava, a cabeça nas mãos :

— Eu... eu... eu... tam... tam... tam... bém!!

G. Ista





A HESPANHOLA

— O senhor acha, então, Almirante, que as mulheres foram feitas de materias diferentes ?

Foi assim que, á mesa de jantar dos barões de Soutello Borges, a linda senhora Sanchez Peña, esposa do conhecido capitalista hespanhol do mesmo nome, interpellou o sympathico almirante Ribas, cujo logar lhe ficava exactamente fronteiro.

— Eu, minha senhora ? — indagou o velho e querido marinheiro. E' essa a minha opinião. O mundo nasceu de uma catastrophe, e a humanidade, no seu conjuncto, é, apenas, um tumulto de materias aproveitadas. Não conhece, acaso, essa tradição ?

A formosa hespanhola pousou nelle os seus grandes olhos de velludo caricioso, e foi com o monoculo engastado na orbita que o antigo heróe da ilha Rasa começou elegantemente o seu conto :

— Antigamente, em seculo de que já se perdeu a memoria, os habitantes da Terra tinham, todos, forma diferente. Havia entes de seis pés, de quatro mãos, de sete cabeças, e outros que não tinham nem pés nem cabeça.

— Como as historias que o Almirante nos conta... Não ? — obtemperou, brejeira, illuminando de malicia os seus lindos olhos de pellucia, a maravilhosa sevilhana.

O bravo marinheiro achou graça na perfidia, disfarçando com um sorriso a ponta de despeito que lhe causava a observação. E foi nesse momento que lhe nasceu, com certeza, a idéa de uma encantadora perversidade.

— Nesse tempo — continuou, retomando o fio á narração, e com esses habitantes, succedeu cahir um raio na terra, e incendiar, de ponta a ponta, o planeta. Foi uma calamidade como não ha idéa de outra, pela sua brutalidade. Todos os viventes foram destruidos. E quando Jehovah deu pelo incendio, era tarde: não havia senão cinza, carvão, e fogo !

— E depois ? indagou, curiosa, do outro lado da mesa, com o seu divino busto encostado á toalha de rendas, mme. Sanchez Peña.

— Paciencia... Paciencia... — pediu o velho marinheiro, espalmado a mão callosa e clara. — Chegaremos por lá...

E reatou :

— Informado da enorme desgraça, Jehovah correu á terra, e, olhando o que sobrava do desastre formidavel, resolveu reconstituir o mundo. E o seu primeiro cuidado foi fazer as mulheres.

A linda hespanhola fitava-o, sorridente, mostrando o marfim dos dentes entre a frescura sangrenta dos labios entreabertos, e o almirante, vencendo aquella tentação, continuou :

— De joelhos no solo, tomou elle nas mãos um punhado de cinza muito clara e já fria, molhou-a, espremea-a, e fez, com isso, a allemã, a ingleza, a franceza, e outras mulheres de raça branca.

— Foram, então, as primeiras ? — indagou alguém.

O almirante não deu resposta, e insistiu :

— Em seguida, tomou um bloco de carvão, e esculpiu-o. D'ahi, a origem das pretas.

— Coitadas ! — gemeu uma senhora, ao lado.

— Depois, — tornou o almirante, com um brilho dos olhos muito azues, — depois, como não tivesse mais materia solida, tomou uma chamma irrequieta e crepitante, petrificou-a, e, tomando do

(Cont. em ADRIANA NORONHA)

PROVERBIOS LATINOS

(IN VINO VERITAS)



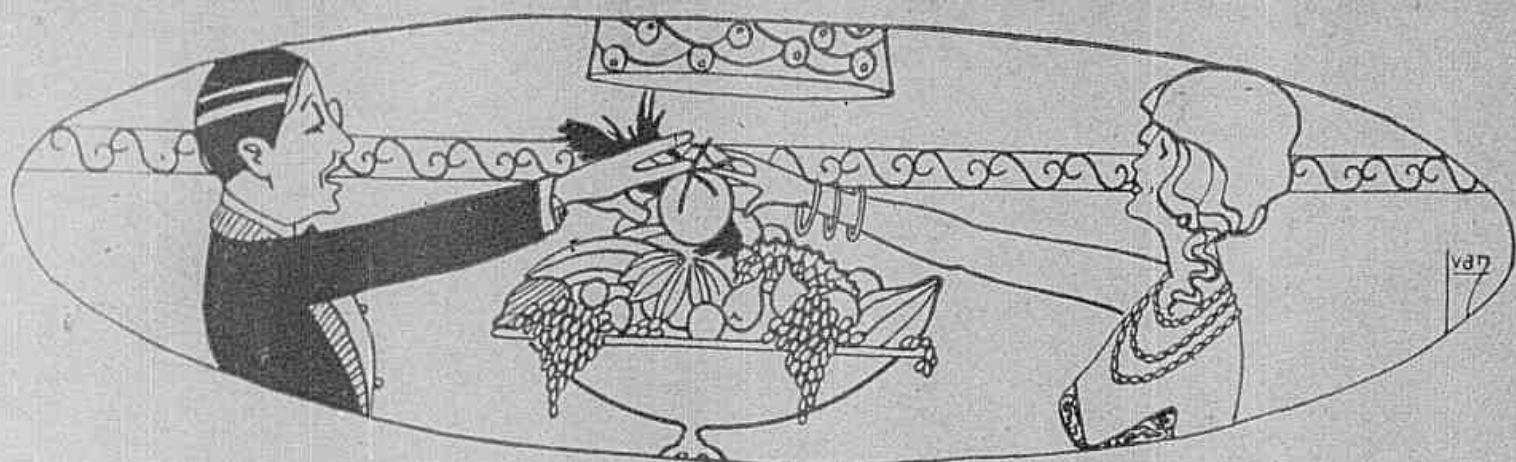
«A verdade nua não sae apenas do pôço: sae, tambem, das taças, nos banquetes presididos pelo Amôr.» — MONTESQUIEU

PÉS... DE ANJO



JAPONEZ (Do Flamengo)

(Leia e pagina seguinte)



MME. BERLITZ

Após o jantar succulento, preparado por um cozinheiro allemão que era, antes da guerra, escudeiro de Sua Alteza o Principe Eitel, filho do Kaiser, o senador Guilhermino ordenara aos creados que puzessem mais algumas cadeiras no terraço, naquella sua admiravel residencia de Santa Thereza. Lá embaixo, a cidade faiscava, pontilhada de luzes. Carreiras de lampadas pequeninas indicavam, aqui e alli, a Avenida e as grandes arterias. Olhada de tão alto, a capital offercia a impressão de um maravilhoso tapete de relva, fervilhante de vagalumes.

A roda que fizemos no grande alpendre enramado de glycinias era selecta e encantadora. Estavam alli algumas das senhoras mais formosas do Rio, como se Venus houvesse convocado para uma reunião secreta as suas filhas mais sedutoras e amaveis. E ao lado d'ellas, homens de espirito, politicos de nomeada, anciãos e rapazes brindados, na vida, pela sagrada munificencia dos deuses. Lá fora, em torno do avarandado, os jasmims abriam e cheiravam. No alpendre, as mulheres sorriam, e cheiravam mais, ainda, que os jasmims.

A conversa nesse ambiente, a duzentos metros de altura, era, naturalmente, elevada. As moradias no morro impedem os pensamentos rasteiros. E d'ahi aquella observação de Mme. Paulo Webster, ao alludir a uma das nossas conhecidas, que se achava, ainda, na sala de musica:

— E', talvez, a mulher mais intelligente do Rio de Janeiro. Não é literata, não faz versos, não escreve romances. Possui, porém, uma palestra que é um encanto.

— A quem se referem? — indagou o deputado Celso Bayma.

Informaram:

— A madame Berlitz.

— Ahn!... — fez o ilustre deputado.

A conversa continuou em torno da mesma figura, entre louvores merecidos.

— E' uma senhora que, além de tudo, conhece linguas, — observou alguém. — Casada com um inglez, depois com um italiano e, agora, com um allemão, aprendeu o idioma de cada marido, fora outros, mais faceis.

Foi nesse momento que a linda senhora appareceu.

— Falam da senhora, Dona Lulu, — esclareceu uma das amigas.

— De mim?

— Sim; da senhora. Dizem que a senhora conhece muitas linguas.

— Eu, filha? — tornou a moça, risonha. — E' gene-

rosidade de vocês. Eu conheço apenas a ingleza, a italiana, e, agora, a allemã, por que fui casada com um inglez, com um italiano e sou, hoje, com um allemão. Nada mais natural.

E voltando-se para o deputado catharinense, como quem pede uma opinião:

— Tambem, qual é a mulher casada que não conhece, hoje, a lingua de seu marido?... Não é, doutor?

João Fortunato

Pergunta de noctivago



— Póde-se entrar pelos fundos?

Uma vergonha

para a classe

O conhecido capitalista, notavel pela sua generosidade, apaixonou-se, de verdade, pela formosa senhora. Proposto um accordo para viverem juntos, madame opinou:

— Eu? — E meu marido? Só se elle concordar. Se não concordar, não acceito...

O capitalista chamou um amigo e mandou propor o negocio. O esposo da senhora cubizada receberia quatrocentos contos pela desistencia, comprometendo-se el'e, novo marido, a

tratar a moça como se fosse, realmente, sua mulher. O outro revoltou-se, e quasi acaba tudo em tragedia.

E era isso que um collega do marido enganado commentava, ha dias:

— Sim, senhor; que tolo!

Um negocio como ha poucos!

E indignado:

— Que vergonha para a classe!



A INDISCREÇÃO DO "SALON"



O Salão de Pintura havia sido concorridíssimo naquella anno. Parreiras, Amoedo, os Thimotheos, Levindo Fanzeres, Pereira da Costa, haviam apresentado dezenas de trabalhos. As fructas de Augusto Petit transformavam em quitanda uma ala inteira do saguão. Lucilio de Albuquerque offercia á admiração geral um interior de vivenda brasileira, que a sua esposa completava com varias paysagens de praia, apanhadas em Copacabana.

Aqui e alli, fixada com a mesma face, a Pedra de Icarahy apresentava o seu perfil pittoresco, surprehendido por pintores diferentes. Decio Villares dava-nos uma irmã de Caridade esbatida na bruma e Santiago uma pequena marinha, com caranguejos cosidos polindo as unhas penosamente na pedra. Os quadros subiam, mesmo, a centenas, incluindo os estrangeiros, de artistas argentinos e portuguezes, vindos, especialmente, para a grande Exposição.

Nenhuma secção chamava, porém, tanto a atenção dos visitantes, como aquella de nós, em que se havia especializado Gabriel Maia, o finissimo artista brasileiro premiado no anno anterior. Diante dos seus quadros, a multidão apertava-se como no «guichet» da pagadoria do Theatro. E os elogios eram incontáveis:

— Explendido! — exclamava um.

— E' de uma naturalidade encantadora! — observava outro.

E um terceiro:

— Elle apanha admiravelmente a plastica feminina! E' assombroso!...

E era mesmo. Discipulo de Van Dongen, de quem fôra companheiro em Paris, Gabriel Maia tornara-se irreprehensivel na interpretação de um corpo de mulher. Os seus «nús» viviam, palpitavam, respiravam. Tinha-se a impressão que elles se iam separar da tela, e mover-se, pedindo-nos dinheiro, ao nosso lado. E era isso, exactamente, que fazia a sua nomeada, despertando, ao mesmo tempo, a inveja, o despeito, a hostilidade dos collegas preteridos.

Entre os seus trabalhos

d'aquelle anno distinguia-se, entretanto, aquella mulher despida, estendida num tapete e voltada, de costas, para o espectador. Via-se, perfeitamente, que o artista quizera mostrar a sua habilidade, apanhando, num flagrante, a plastica feminina, desde a nuca até os calcanhares. E era deante dessa tela que paravam os visitantes, como se esperassem o momento em que a figura se voltasse, patenteando o rosto e, com elle, o resto dos seus encantos.

Homem de bom gosto, o deputado Felicissimo Antunes convidara a esposa para, naquella tarde, visitarem o salão.

— Vamos, filha?

— Vamos! — concordou a moça.

E alli estavam, os dois, um ao lado do outro, examinando, um por um, os quadros expostos, tendo, para cada um, uma palavra de entusiasmo ou de censura.

E assim iam, — elle de monóculo e Mme. com a sua lorgnette — inspecionando a grande feira de arte, quando se detiveram na secção de Gabriel Maia. Ao dar com o «nú» que chamava a atenção de toda a gente, o deputado recuou.

— Meu Deus!... — exclamou, pallido.

E com os olhos num signalzinho escuro, que se via muito embaixo, no dorso da formosa desconhecida:

— A mulher do Fernandes!...

E tapou o rosto, com as mãos.

Batu Allah

O Carrasco... do "Carrasco"

O Carrasco, a violenta peça de Benjamin Lima, levada esta semana no São Pedro, tem um acto em que todos os personagens apparecem rigorosamente de preto. Impressionada com o aspecto funebre do palco, uma senhora perguntava, na platéa, ao dr. Oscar Lopes:

— Em que epoca foi isso, doutor?

E elle, sem pestanejar:

— A senhora não está vendo que todas as familias estão de lucto?

E esclareceu:

— Foi no tempo da gripe...

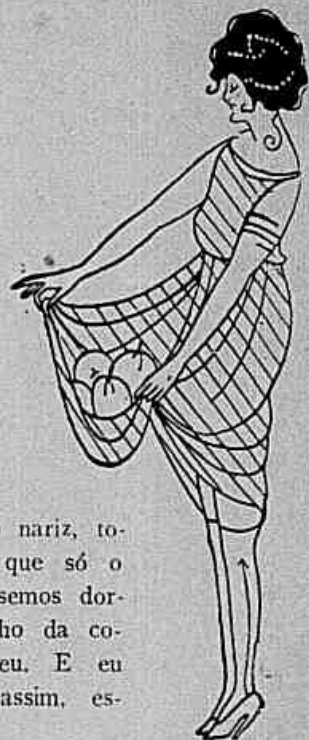
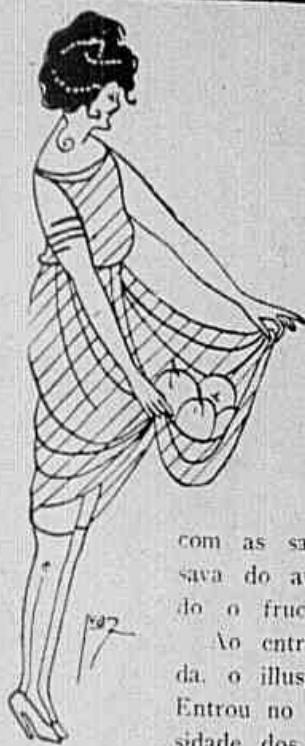
O FELIZARDO



— Quanta gentileza! Esta semana já me deste
trez chapéus e duas bengalas!

PÉS . . . DE ANJO

JAPONEZ



Ha vinte e tres annos, quando o seculo XX ainda se achava no ovo, um telephone tilintou em São Paulo, chamando, com urgencia, um medico do quarteirão. Este, que era o actual deputado Palmeira Ripper, correu, solícito. Era uma distincta senhora que se queixava com as santas dores da maternidade, e que precisava do auxilio da sciencia para offerecer ao mundo o fructo do seu amor.

Ao entrar na casa de onde partira a telephonda, o illustre medico escutou um choro de creança. Entrou no quarto, e estacou, indesciso sobre a necessidade dos seus serviços: o pequeno, com uma agillidade assombrosa, havia se atirado com a carinha no tapete, onde se encontrava esperneando, á espera de uma tezoura que lhe cortasse o cordão umbelical.

— Coitadinho!... — exclamou, correndo a apanhar-o no chão, o futuro representante paulista.

A primeira difficuldade da familia foi arranjar o frontespicio do recém-nascido. Com a carreira com que se precipitara do outro mundo a este, havia rebentado o nariz, que se afundara na carinha gorducha, mudando-lhe inteiramente a physionomia. A segunda, consistiu em dar-lhe um nome.

— Ha de chamar-se Guilhermina! — opinou o pae.

No dia seguinte, porém, com a reconstituição geral de tudo que a creança havia amassado na queda, viu-se que o nome escolhido não se coadunava com o seu sexo. E o pae tornou:

— Ha de se chamar Adhemar!

E levou-o, dois mezes depois, á pia da parochia, metido numa comprida camisa de cambraja enfeitada de rendas, chupando o dedinho cor de rosa e agitando, na outra mão gordinha, um bulhento maracá farfalhante de fitas.

Com o decorrer do tempo, começou o menino a concertar o nariz.

— Eu não disse? — exclamava o dr. Palmeira Ripper.

— Nariz de gente é como rabo de lagartixa: quebra-se um, nasce outro.

E parecia, mesmo. Aos sete annos, era Adhemar Martins uma das creanças mais bonitas de São Paulo. Em um concurso de belleza infantil havido alli em 1906, elle só não tirou o primeiro logar porque, das mil e setecentas e sete creanças que concorreram, havia mil setecentas e seis mais formosas do que elle. Si se tratasse, porém, de um concurso de macreção, o premio era, com certeza, seu.

— Patrão, «seu» Dédé está insupportavel. De vez em quando diz uma asneira p'ra mim e quer me dar um beijo! — queixava-se a copeira da casa.

— Minha senhora, — secundava a cosinheira; — chame o menino p'ra lá. Elle não sae aqui da cosinha puxando a sáia da gente!

Rigorosa com o filho, a boa senhora, vendo que nada conseguia com os conselhos, chamou as creadas, e autorizou:

— Olhem: todo o apresentamento que elle tiver com vocês, não me digam nada: dêm-lhe um buliscão no nariz!

As raparigas prevaleceram-se da autorização. E dois annos depois, estava o menino com o seu narizinho a dois centímetros abaixo do nivel do rosto.

Foi por esse tempo, mais ou menos, que

a familia se transferiu para o Rio, onde o nariz do pequeno espantava aquelles que o viam. No Collegio, perguntado como fôra aquillo, elle explicava:

— Foi em São Paulo, ainda. Lá em casa, nós tínhamos a mania de andar mettendo o nariz em tudo. Aborrecida, minha mãe ordenou que nós deixassemos o nariz, todas as manhãs, dentro de um prato, e que só o collocassemos de novo na cara quando fossemos dormir. Um dia, um mulatinho, o Simão, filho da cosinheira, chegou primeiro, e levou o meu. E eu tive que ficar com o d'elle, que era, assim, esborrachado.

E passando o nariz pelo rosto:

— Este nariz, aqui, é do Simão!

Com quatorze ou quinze annos, entrou Adhemar para o Flamengo, como aspirante. Corajoso e agilissimo, subiu, pouco a pouco, a escala sportiva, até o 1.º team. E neste, tem sido tudo. Com excepção do «goal», não ha posição, no campo, que elle não haja defendido. Supre tudo, e sempre com desassombro, com brilho, com competencia.

— E' a «douradinha» do «foot-ball»! — dizem os torcedores do rubro-negro.

— E' o coringa do «pooker» do Flamengo! — adeantam outros.

E é mesmo. Ha tempos, faltou, no campeonato de basket-ball, um dos que o deviam compor.

— E Japonez? — lembraram.

Convidado, foi. E não houve, na lucta, jogador mais competente, mais forte, mais temivel.

De outra feita, houve a mesma falta num jogo de water-polo. Chamaram-no. E Japonez mostrou que era jogador até debaixo d'agua.

Funcionario do City Bank, tomou parte nos jogos da Liga Bancaria, vencendo o campeonato. Feito isso, retirou-se do Banco, entrando para uma casa de commissões e consignações, onde os patrões todo o dia têm de tomar conhecimento da sua physionomia.

A preocupação maior de Japonez, o antigo Adhemar Martins, de São Paulo, é, realmente, essa, de modificar os traços phisionicomicos por intermedio do penteado. Se elle vae ao cinema, e vê Charles Chaplin com o cabello arrepiado, no dia seguinte apparece na Avenida, ou no escriptorio, tão arrepiado como Charles Chaplin. Em menos de um mez foi, seguidamente, Georges Walsh, Wallace Reid, William Farnum, Tom Mix e Haroldo Lloyd. Quando Charpentier seguiu para os Estados Unidos, penteou-se como o campeão francez. Batido este, appareceu penteado á Dempsey.

Outra mania sua é a de colleccionar photographias de «matches». As suas colleções desse genero occupam, no canto do seu quarto, uma caixa, das de gazolina, e duas barricas, das de farinha de trigo. Quando precisa de um retrato, vira a barrica, ou a caixa, de bocca para baixo, mergulha a mão naquillo tudo, e traz, do fundo, o que deseja.

Actualmente, está noivo. Namorado, é de uma lealdade invejavel. A noiva domina-o, governa-o, orienta-o. Ouve-a em tudo, com uma obediencia commovedora. Excepto em «foot-ball».

— E é natural, — diz-lhe elle.

(Cont. em «Honny sol...»)



Os casamentos no Japão

No Imperio do Sol Nascente, os casamentos não passam de meros arranjos, de anodinas combinações. Como a vontade dos que se ligam não está em jogo, são raros, quando não causam escândalo, os matrimonios de inclinação. A tarefa de constituir família é da alçada exclusiva dos paes da moça e do rapaz. E como não ha «flirt», tambem não ha amor. Os olhos não se falam... As mãos não se apertam... Os labios não se tocam. Para supprir a muzica dos beijos e as symphonias das confissões foi que se descobriu a monotonia do «shamicen.» A «musumé» accêita sem discutir o esposo que lhe dão os seus progenitores, e o cavalheiro procede de maneira identica. Foi assim nas epocas de Nara e de Kamakura, e assim continúa a ser até hoje, quer nas classes elevadas, quer nas classes baixas, entre os ricos como entre os pobres.

Ludovic Nadau, observando esse facto, affirma que a vida galante e a vida sentimental não foram introduzidas no Archipelago Nipponico. «O japonês, diz elle, não perde o seu tempo em fazer a côrte á mulher: á sua porque ella é propriedade delle; á do proximo porque elle não a vê; á geisha porque elle a paga».

Communs são, assim, os casos em que a noiva conhece o seu futuro marido justamente nas vespéras ou no dia de ser a elle entregue. Em nossas terras, abraçadas por um sol forte e radioso, com varzeas povoadas de nymphas e um firmamento coberto de estrellas, o resultado seria contraproducente. Os casaes infelizes constituiriam o maior numero. No Japão a experiencia provou o contrario. Os casaes que não vivem em hamonia' podem ser contados a dedo...

O processo porque se fazem ou se decretam os casamentos afasta, por consequencia, qualquer idéa de amor. A «musumé» sabe, que, attingindo aos quinze ou aos dezesseis annos, outros escolherão por ella o seu companheiro, e essa escolha não comporta a menor analyse, a mais simples referencia. O casamento é tudo quanto ha na vida de mais banal e de mais logico. Um amigo dos paes do moço negocia o contracto com os ascendentes da donzella. E' elle o intermediario protector, ao qual incumbe a missão de reunir os dois interessados, ou mais apropriadamente, as duas partes não interessadas, seja num theatro, seja num passeio, seja numa casa de chá... Trocam-se presentes e o noivado fica estabelecido com caracter official.

No dia do enlace, segundo relatam os codigos indigenas, a noiva se veste de branco — a côr que symbolisa o luto — de sorte a significar que ella morreu para a sua familia. Ao cahir da noite, os padrinhos se encerregam de levá-la á casa do seu marido, que deve estar á sua espera, em comapanhia de seus paes e das pes-



soas convidadas. Realiza-se então o jantar, que é a parte capital da cerimonia. No meio da mais viva alegria, todos comem e bebem, cantam e fumam... Terminada a festa, chega o momento psychologico do «emfim sós»... Os noivos são levados aos aposentos nupciaes, onde sorvem alguns goles de «sakê», a conta é de nove para cada um, e o panno cae, (*) dando por concluida a comedia.

Osorio Dutra

(*) Nota da Redacção: — Que panno?

Um homem de „salão”

A necessidade de augmentar o numero de associados fez com que aquelle Club sportivo, de salões aristocraticos, admittisse á inscripção nos seus quadros gente de todas as classes e profissões. Apaixonadas pelas danças, as antigas frequentadoras encontram, todos os dias, pares novos, que não rejeitam. E era um d'esses que se punha em evidencia em uma das ultimas festas, quando d'elle se approximou o dr. Placido Barbosa. Entabolada a palestra, o desconhecido, que se apertava numa casaca irreprehensivel, offereceu os seus prestimos:

— A's suas ordens, doutor. Terei muito praser em recebê-lo no meu salão.

— Em que dias o senhor recebe? — indagou o dr. Placido.

— Todos os dias. O meu salão está aberto das oito da manhã ás sete da noite.

— ?...

— Eu sou barbeiro!

HONNY SOI ...

O Abalberto Mourão Coutinho, estudante de medicina, cearense, e que cultivava também o almofadismo, tinha a mania de, á proposito de tudo, ou mesmo de cousa alguma, citar phrases latinas e francezas. Volta e meia, e lá estava o Adalberto em qualquer roda que se encontrasse:

— Alea jacta est !

— Ou então :

— Petit á petit l'oiseau fait son nid...

Houvesse, ou não, razão para citar esta ou aquella phrase, elle o fazia, sempre

que julgava fazel-o a proposito.

Residindo na pensão de uma familia conterranea á rua Silva Manoel, resolveu elle, um dia, por dois motivos poderosos, mudar-se para uma rua no bairro do Cattete: primeiro, por uma questão de ordem financeira, em relação ás passagens para a Escola; segundo, um motivo ainda da mesma ordem, em virtude de residir a sua pequena na rua Correa Dutra, n'aquelle bairro.

Isto resolvido, procurou elle no «Jornal do Brazil» o annuncio de um quarto que lhe conviesse, o que facilmente encontrou, na «residencia de um casal que dispunha de um quarto para rapaz solteiro, com pensão, á rua Silveira Martins, numero tanto»...

Immediatamente para ali se dirigiu o Mourão Coutinho. Recebeu-o a dona da casa, typo genuinamente brasileiro, levando-o a ver o quarto annuciado, dando-lhe todas as indicações. Verificando que o quarto lhe serviria, o nosso estudante entregou, como signal, a quantia de vinte

(Cont. de «Japonez»)

E explica :

— Quando a gente se quer casar, o que offerece á noiva é a mão. O pé, fica livre !

Apesar de comprometido, ou por isso mesmo, é Japonez um dos jogadores nãis «torcidos» do Flamengo. As archibancadas floridas de moças victoriam-no, agitando os lenços. Elle fica, entretanto, indifferente.

— Estou noivo ! — diz, baixinho.

E torce-lhes... o nariz.

mil reis, e retirou-se dizendo que voltaria no dia seguinte pela manhã, com o carregador.

Ao chegar, porém, á esquina da rua do Cattete, o Mourão Coutinho, lembrou-se de que não perguntara á dona da casa quaes as refeições que a mesma fornecia. Para isto, ali voltou immediatamente, indagando :

— Esqueci-me de perguntar-lhe, quaes as refeições que a senhora fornece.

— Dou café com leite e pão, pela manhã, almoço e jantar.

— E acrescentou, como todas as pessoas que alugam commodos no Rio de Janeiro :

— Aos domingos, é ajantarado...

— E a senhora não dá ceia ? — perguntou o Adalberto Coutinho, que, acostumado com a pensão da rua Silva Manoel, um prolongamento, quasi, da sua casa no Ceará, não podia passar sem ceiar.

— Não, senhor; nós, aqui, não costumamos ceiar.

O nosso amigo, cuja mania de citações era mesmo uma doença, não teve duvidas :

— A senhora queira então me desculpar; peço-lhe, porém, o favor de devolver o signal que lhe dei. Eu não posso ficar com o quarto.

E cheio de si :

— Honny soi qui mal y pense !

A respeitavel matrona, que de francez nada entendia, desanimada por não ter conseguido alugar o seu quarto, foi ao interior da casa e, pedindo ao marido o dinheiro que lhe havia dado a guardar, disse que o moço não queria mais o aposento

— Por que ? — indagou o esposo.

E ella, coitada :

— Não sei, Sebastião. Elle perguntou si não lhe dava ceia, e, como eu lhe respondesse que não, elle disse, n'uma lingua estrangeira, que «o não ceiar faz mal á pança».

E afastou-se, com os vinte.

Pé... lopidas

Epigus

POR TRAZ DOS PANNOS

Adriana Noronha



Ha oito ou dez annos, era o tenor Noronha uma das vozes mais promissoras de Portugal. Convidado para cantar em uma solemidade religiosa por alma do saudoso rei D. Carlos, desempenhara essa incumbencia a contento de todos os monarchistas, — ou dos monarchicos, como lá se diz. E como estes foram, sempre, muito gratos áquelles que lhes prestam serviços, iniciaram, como retribuição, um trabalho de propaganda em favor do artista, que embarcou para o Brasil, recommendado aos subditos de S. M. o Rei D. Manoel.

O Rio de Janeiro tem, porém, a mania de inverter os valores. Ouvindo o tenor que Portugal lhe mandava, achava que elle tinha boa voz e excellente futuro. Mais que a voz e o futuro do artista calaram, entretanto, no espirito publico, a graça e as maneiras da sua esposa, creaturinha de uns vinte e dois annos, applaudida, já, em algumas palcos de Lisboa. E surgiu, no Rio, entre applausos, a actriz Adriana Noronha.

No Brasil, o casal desfez-se. A gloria, no palco, não é peça que se toque a quatro mãos. Occupado cada um em obter maior quantidade de palmas, separaram-se amigavelmente. Não houve tiros, não houve punhifadas, não houve processo. E dentro de pouco tempo, enquanto o marido cantava, como a cigarra, para seu lado, Adriana trabalhava no «Recreio», enchendo o seu pé de meia e economizando, á maneira da formiga.

Possuindo uma memoria assombrosa, e uma voz musical, a antiga esposa do tenor ganhou, em pouco, a sympathia do publico. Os seus papais eram, sempre, bem decorados, bem declamados, com todos os pontos e todas as virgulas. Leopoldo Fróes, que manifestara por ella uma predilecção singular, não se cansava de dizer:

— E' a melhor memoria do palco, no Brasil. Papel que se lhe entregue, passa para a cabeça, até com as pautas.

E accentuava:

— A questão é que se escreva certo; porque se estiver escripto errado, a Adriana pronuncia errado, como estiver.

Bonita, com uns grandes olhos quasi verdes e um palmo de cara seductora, não lhe tem faltado apaixonados, na platêa e nos bastidores. Quando elles apparecem, os collegas commentam. Adriana ri. O marido ri. E passa-se

(Cont. d'«A hespanhola»)

buril, começou a fazer, nella, uma escultura, que seria a sua obra prima. Feito isso, soltou-a no mundo, para incendiar, de novo, o planeta.

E em uma mesura, para a sua vizinha fronteira:

— Data desse dia, minha senhora, o apparecimento das hespanholas. Ellas são, nem mais, nem menos, fogo petrificado!

E engoliu o seu café, que estava esfriando.

Tenente Martins

adiante a conversa. E' como se nunca tivesse havido nada entre elles. Não são amigos, nem inimigos.

Ha tempos houve, mesmo, um episodio, unico, talvez, na vida de um casal, mesmo no palco. Dizia-se que o tenor possuia uma namorada, artista de renome. Falava-se, tambem, que Adriana tinha um apaixonado, pertencente ao mundo theatral.

— Vae ser um escandalo! — exclamava-se. — Vae ser um escandalo, quando os dois descobrirem!

Um dia, Adriana soube que o antigo marido estava ligado á artista de quem se falava. Chamou-o á parte, e propoz-lhe:

— Sabes de uma cousa? Vamos fundar uma companhia? Tu convidas fulana, e outros, e vamos trabalhar juntos.

— Perfeitamente! — concordou o tenor. — Mas, nós precisamos de um secretario. Quem ha de ser?

— Escolhe.

— Fulano. Está bem? — propoz o tenor, indicando um nome, que fez sorrir Adriana.

E a companhia appareceu em scena, a contento de todos, e, principalmente, dos organizadores, que tinham ao lado, trabalhando, a pessoa mais presada ao seu coração.

Realizando, de vez em quando, contractos vantajosos, conseguiu Adriana Noronha colleccionar uma porção de joias, de subido valor. Certo dia, as joias desapareceram. Os olhos verdes da artista ficaram vermelhos, de chorar. Levada a queixa á Policia, esta abriu inquerito, pondo-se em campo. E quando estava em diligencias, appareceu a formosa artista roubada:

— Senhor delegado, feche o inquerito!

E mostrando os pendentifs, as pulseiras, os brincos, os collares:

— As joias aqui estão. O gatuno entregou-m'as!

— A' senhora?

— Sim, senhor. E não me pergunte nada!

Agentes que andaram a syndicar do facto, espantaram-se, entretanto, um dia, ao ver a queixosa em companhia de um rapagão, de sotaque estrangeiro. Puxaram os retratos que tinham no bolso.

— Olha a roubada... e o ladrão! — exclamaram.

E sorriram, generosos.

Com os seus talentos e o seu physico, Adriana Noronha podia ter, sem duvida, maior nomeada, maior nome, maior popularidade. Nenhuma das artistas actualmente no Rio possui maiores qualidades. Ella contenta-se, porém, com a sombra, com a meia claridade, com o ambiente em que vive.

A luz forte faz mal, talvez, aos seus lindos olhos verdes...

João Kaetano



POR TRAZ DOS PANNOS



ADRIANA NORONHA



Galho DE URTIGA

A perola

O conhecido homem de sociedade é apontado, aqui fora, pela sua distincção de maneiras. Poucos serão, nos salões, tão cavalheirosos, tão amáveis, tão finos. Em casa, entretanto, é, ao que parece, o contrario de tudo isso.

Uma destas noites, antes de saírem para uma visita, houve, entre elle e a esposa, uma disputa que terminou por uma brutalidade. O homem fino avançou para madame, apertando-lhe o pescoço com as tenazes das mãos, como se a quizesse estrangular. A visita era, porém, obrigativa, e os dois foram fazel-a.

Na casa amiga, feita a roda, algumas senhoras louvaram, em certo momento, o fino trato do visitante.

— E' um homem distinctissimo! — dizia uma.

— Dizem que, como esposo, é uma perola! — affirmava outra.

Madame ouvia tudo, sorrindo. De repente, porém, alguém deu com as ecchymoses do seu pescoço.

— Que é isso, menina?

O cavalheiro fino empallideceu. Madame fitou-o.

— Isto? Ah, não é nada.

E com um sorriso triste:

— Foi o meu collar de perolas...

O bruto comprehendeu.

A Pilheria

O conhecido homem de letras e brilhante poeta, costuma fazer, de vez em quando, uma perfidia literaria com os amigos. Estas são, porém, tão discretas e veladas, que nem as victimas, ás vezes, as descobrem. Ha dias fez elle uma chronica d'esse genero contra um amigo, e mostrou-a a Heitor Modesto, o brilhante autor da «A boa mamam».

— Com quem é isso? — indagou Heitor.

— Com fulano... Então, não estás vendo?

— Ahn!

Dias depois da publicação do escripto, encontraram-se,

de novo, Heitor e o chronista.

— Então? Já viste fulano, depois da minha perfidia?

— Eu? Já.

— Que disse elle? Ficou zangado?

— Elle? Elle passou uma noite em claro, por causa d'aquella chronica.

— Deveras? — indagou o escriptor, alarmado. — Houve barulho na casa d'elle? Houve?

E Heitor, tranquillizando-o:

— Qual, filho! Elle passou a noite em claro... procurando onde estava a pilheria!...

O leite merengado

Era o mesmo grupo de ser pre, ás quatro horas, junto á porta do Club de Engenharia.

Das obras do nordeste passou a conversa para os navios arrendados á França... para os caminhões automoveis, depois abordou-se o assumpto dos grandes raids de aviação... motores... landaulets... abertos e fechados.

Finalmente alguém fallou em mulheres. Ho ve a narrativa de um caso picante. Era a historia de um homem prodigio, cuja nocidade se refazia miraculosamente no leite merengado.

O velho engenheiro não fallava, mas era todo ouvidos.

O assumpto ia mudando novamente, quando elle interpoz uma duvida:

— Se assim fosse as leiteirias deviam fazer muito negocio...

— Leiteirias não... explicou alguém... as casas de sorvete...

Pouco depois o Dr. Tobias Moscoso, que era do grupo, entrava no Alvear, na hora chic, para o chá das cinco em companhia do Dr. Adolpho Murtinho, quando, ao passar por uma mesinha, num canto discreto, ouviu alguém pedir:

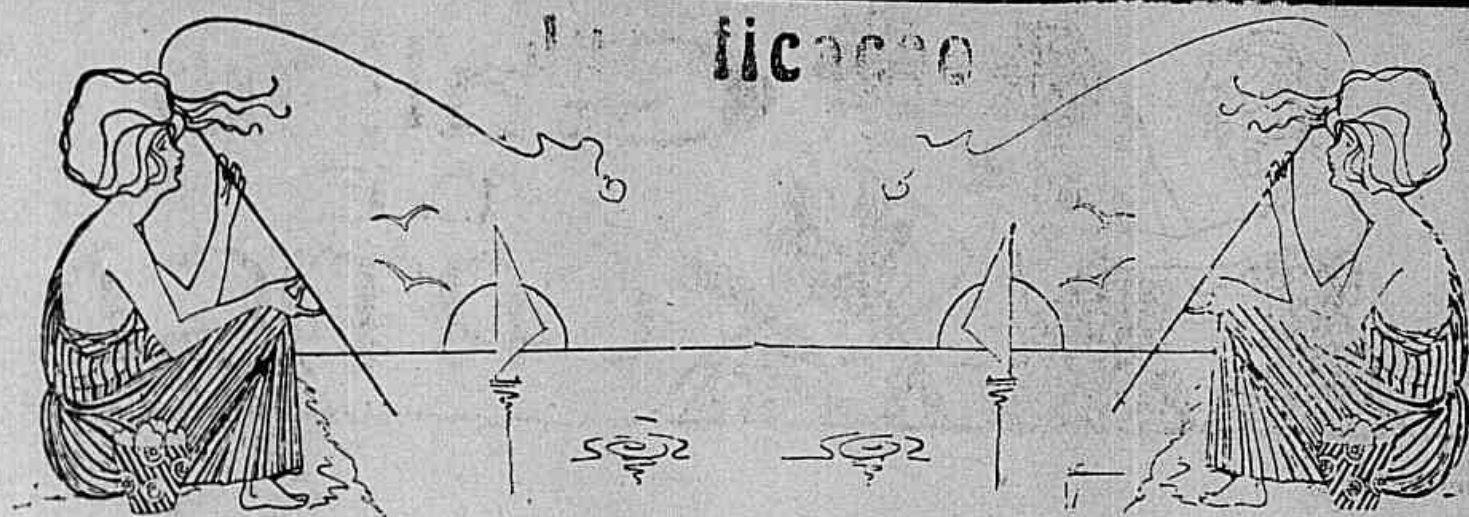
— Garçon... Um leite merengado...

Era o velho engenheiro, friorento, encapado, a esfregar nervosamente as mãos, engelhasdas pelo frio humido do inverno carioca...

• As leis de Solon eram rigidas com o adulterio e benevolas com a sedução. O que apanhasse a mulher em traição, podia matá-la; e o que seduzia uma donzella, pagava apenas 100 dracms.

Plutarcho. — "Vida de Solon"





O sr. Gaudencio Guimarães de Oliveira Filho fôra, sempre, um homem intransigente, em negócios de honra. Antigo chefe eleitoral no Estado do Rio, mudara-se para esta capital, com a esposa e uma filha pequenina, afim de supportar o ostracismo. E aqui ia vivendo á custâ da caixa do partido, e de outros rendimentos eventuaes, de origem mais ou menos honesta.

Certo dia, porém, o sr. Gaudencio explodiu, furioso. Tinha elle entrado da rua, quando encontrou na sala de visitas, estendido no sofá, um vestido de sêda branca, bordado de azul, com a etiqueta de uma grande casa de modas da Avenida.

— Quanto custou este vestido, Luisa?

(Cont. de MIGUEL COUTO)

pelo marido, a sua digna companheira, — é tirar-lhe do bolso os lenços ensopados de lagrimas. E o que é peor é que elle traz os d'elle, e, ainda, os dos filhos e da viuva do defunto!

O seu coração é de uma sensibilidade que vae, ainda, mais longe. Ha alguns mezes, adoeceu uma senhorita, e foi Miguel Couto chamado, á ultima hora, pelo medico assistente. Presentes outros especialistas, alguns lembraram, como medicação:

— O remedio, aqui, é o aloes.

— Não; não! — protestou o Mestre. — Não façam isso! Coitadinha!...

E com uma careta:

— E' amargo!...

Elle é, realmente, tão bom, tão compadecido, que se preocupa, até, com o paladar dos remedios, para não desgostar os doentes!

O seu consultorio, á rua do Hospicio, enche-se, nos dias de consulta. Em frente á porta agglomeram-se os automoveis, os landaulets mais sumptuosos do Rio, como se fôsse sahir, d'alli, um casamento. E Miguel Couto attende. São millionarios, são nababos vindos de São Paulo ou do Rio Grande, e senhoras farfalhantes de seda, descidas de Botafogo e Copacabana. Pagar-lhe-iam uma fortuna para serem despachadas antes do chá na Lallet ou no Alvear. Miguel Couto sae da sala de consultas, sauda-os com um aperto de mão e com um sorriso. E manda entrar, depois de pedir licença á gente rica, o preto Thiago ou a velhinha Thereza, que lhe não pagam um vintem mas que vieram do morro do Pinto ou de algum recanto miseravel da Saúde.

A preferencia que os pobres desfructam na clinica do grande medico, é interessante.

— Elles não têm dinheiro, mas têm coração! — diz elle. — E esse é o grande thesouro da vida!

E não só os pobres. Os seus antigos clientes da Pra-

ça — Oitocentos mil reis. — informou a moça, chegando-se os olhos baixos.

— E' teu?

— E', sim. — confessou a pobre, no mesmo tom.

A essa informação, o antigo chefe eleitoral sentiu uma onda de sangue subirlhe ao rosto. E foi vermelho, apoplectico, que estrugiu, dentes cerrados:

— Então, tu tens coragem de trahir-me por causa de um vestido?...

— Eu, não. Gaudencio! — gemeu a infeliz, insultada e justificando-se:

— Elle deu, tambem, o chapéo...

Jota Só

inha gozam, tambem regulas esportivas. Alguns d'elles, antigos velleiros niquê de burro, são, hoje commendadores, capitalistas, grandes proprietarios, e residem no Meyer, em Copacabana, em Petropolis. Chamado para ve-los, Miguel Couto vae de trem ou de automovel, preterindo outros doentes. E no fim do mez manda a conta: cinco mil reis, isto é, o mesmo preço dos tempos da Praia!

— Não, senhor, doutor; não admitto! — protestam esses clientes privilegiados. — Eu estou rico; posso lhe dar cinco, dez, vinte contos!

— Eu sei. — sorri mestre Miguel, — mas os vinte contos não me dariam a sensação de voltar ao passado, á minha moildade pobre ao tempo em que eu tinha minha mãe!

Membro da Academia Brasileira de Letras, nunca se viu tanta flôr naquella casa como no dia da sua recepção. Havia gente até fora, na rua. E quasi todos choravam, commovidos, diante daquela glorificação. Presidente, ha dez annos, da Faculdade de Medicina, é considerado mais um paz do que um mestre.

No meio de tudo isso, porém, da toda essa notoriedade, de toda essa fama, de toda essa gloria, — Miguel Couto, ás vezes, baixa a cabeça, e quebra-se pensativo. Elle é querido, amado, idolatrado. O seu lar é um santuario, onde ha uma santa, que é digna d'elle. O seu palacete tem tudo e é, quasi, um palacio. Nesses dias de tristeza incomprehensivel não diz nada a ninguem. Espera a noite.

E quando anoitece, dizem, desce, pi ante pi, ao porão da casa, traz de lá um antigo lampião de kerozene, acende-o, apaga as lampadas do gabinete, abre uma velha biblia que a mãe lhe dera quando menina, e lê, até adormecer de cabeça nas mãos. — quando, então, lhe apparece outro anjo, e amortece, docemente, sem um ruido, para que elle não desperte d'aquelle sonho, a chamma do candieiro...

Rodin



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

**Uma experiencia custa apenas: LIQUIDO: 2\$500
PASTA: 2\$000**

A' venda em toda parte — Deposito geral: Casa Hermann — Rio.



NINI —
Como?

MME. GOMES — Não prejudicando... por sua vez... o meu bem estar...

NINI — Quer então que despeça seu marido...

MME. GOMES — Santo Deus!... Quem fallou em semelhante cousa... Ao contrario... Desejo que fique com elle o mais tempo possivel... Se conseguir fazer com que elle pernoite aqui... ao menos duas vezes por semana... mas olhe... em dia certo... Estabeleceremos um accordo... um horario... seguro... para eviar surpresa... não digo de sua parte... mas para mim...

NINI — (com ironia) Quer dizer que a senhora engana seu marido...

MME. GOMES — Fallemos melhor, dentro dos nossos papeis... Por que não diz, de preferencia, que eu engano seu amante?

NINI — Jogo de palavras... E veio somente, para convencer... a mim que que não a conheço... que devo auxiliar a enganar seu marido... Que me torne cúmplice do seu adúltero...

MME. GOMES — Um pouco duro o termo... Mas afinal é o que traduz melhor a situação...

NINI — Não satisfeita com a sua degradação... ainda espera que eu compactue com essa comédia e aceite o ridiculo de ser amante... por accordo... de um homem que é enganado pela mulher...

MME. GOMES — Está dito com um pouco de exagero... mas deve ser isso... mais ou menos... Sim... com exagero... por que a sua posição não é absolutamente ridicula... Oh!... Eu não acho... Absolutamente...

NINI — Já disse tudo?

MME. GOMES — O quanto bastará para esperar ou vir qualquer cousa como resposta... Não se precipite porem...

NINI — Nada tenho a conversar com a senhora... Não me interessa a sua vida...

MME. GOMES — Mas a do Ernesto... Talvez...

NINI — Muito menos... a vida de seu marido... Pode retirar-se-se minha senhora...

MME. GOMES — (levantando-se para sair) Então... não acceta um accordo...

NINI — Retire-se... Nada mais tenho a tratar nem com a senhora... nem com o seu ridiculo marido...

(Mme. Gomes sai)

SCENA 3.^a

Nini e a creada

A CREADA — A senhora tocou?..

NINI — (andando agitada na sala) Não faltava mais nada... A mulher o engana... e elle vem consolar-se... Olha... rapariga... bote o trinco na porta...

A CREADA — Sim... senhora...

NINI — E quando o Snr. Ernesto apparecer aqui... diga-lhe que não estou... que mudei para outra parte... diga-lhe que eu morri...

A CREADA — Cruzes!... Dizer que a patrão morreu?..

NINI — Que tem isso?... Que eu morri para elle...

ACTO 2.^o

SCENA 1.^a

Em casa de Mme. Gomes — Saleta de conversa — Grupo estofado de couro — Installação confortavel.

Mme. Gomes e Mme. Silvares

MME. SILVARES — Imaginei que estivesse doente... Ha tantos dias...

MME. GOMES — O Ernesto anda caseiro... Não tem querido sair á noite... Dá sempre o pretexto de estar cansado...

MME. SILVARES — Poderias ir sosinha... Como antigamente...

MME. GOMES — Sosinha?!... Elle não consente mais que ande sosinha...

MME. SILVARES — Ciumes?!... Que disparate!... Chega a ser desaforo...

MME. GOMES — Que queres?... Mas dahi não vem mal ao mundo... Acho até graça... Imagina que eu queira flirter agora depois de estar com uma filha moça... Olha... queres que eu te falle com franqueza... Vivo contentissima... Com os ciumes delle... Afinal sempre é lisongeiro saber que inspiramos ciumes ao nosso marido...

MME. SILVARES — Então elle passa as noites em casa... a chocar a mulhersinha? (Toque da campainha do telephone)

MME. GOMES — Estás ouvindo?..

MME. SILVARES — Que?..

MME. GOMES — O telephone... De dia é isso... De meia em meia hora... arranja um pretexto para tocar para mim... ou para a filha... para saber se estamos bem... se não saímos... se estamos juntas... se não veio qualquer visita...

SCENA 2.^a

Mme. Gomes,
Mme. Silvares e
Carmita.

CARMITA — (entrando) Mãe... o papae telephona para avisar que vae mandar um portador com umas almofadas que elle comprou num leilão...

MME. GOMES — Pois sim... minha filha... Que man-



Theatro Boccaccio



A dama das almofadas

Comedia em 2 actos, de Jan Richora



Personagens — Nini, Mme. Gomes, Mme. Sil-
vares, Carmita, filha de Mme. Gomes, e uma creada.

ACTO 1.º

Em casa de Nini — Pequena sala ultra-moderna — ornamentação bizarra de muitas côres — 7 abat-jours e cerca de 20 almofadas, sobre o divan, as poltronas e os tapetes.

SCENA 1.ª

Nini e a creada

A CREADA — (entrando) Uma senhora...

NINI — (no divan — suspendendo a leitura da «Serpente de Bronze») — Não disse o nome?

A CREADA — Não quiz dizer... Não valia a pena... A senhora não a conhece...

NINI — (levantando-se e corrigindo a toilette, depois de esconder o livro sob uma almofada) Que maçada! Manda entrar para aqui mesmo... Olha... abre primeiro o abat-jour cor de rosa... Devo estar muito pal'ida hoje...

SCENA 2.ª

Nini e Mme. Gomes

NINI — (para Mme. Gomes, que surge á porta da sala) Faça o obsequio de entrar... minha senhora...

MME. GOMES — (entrando) Perdoe-me encomodal-a em hora tão inoportuna...

NINI — (indicando uma poltrona) Queira ter a bondade de sentar...

MME. GOMES — (sentando) Muito obrigada... Quasi não valia a pena... E' tão pouco o que tenho a dizer-lhe...

NINI — Estou ás suas ordens... Póde dizer... minha senhora...

MME. GOMES — Sei que é uma mulher de espirito forte... independente... dirigindo sua vida como entende...

NINI — Sabé certamente mais do que eu... que nem sequer conheço a pessoa com quem tenho a honra de fallar...

MME. GOMES — E' talvez o que menos interessa no assumpto... Bastará o conhecimento que já tem feito de meu marido...

NINI — Como?... E' a senhora do Dr. Adolpho?...

MME. GOMES — Por que passar em revista as suas amizades? Se eu fosse uma indiscreta... Por ventura o Ernesto gostaria de saber que tanta gente merece a sua intimidade?...

NINI — Se lhe informaram tambem quanto á minha tolerancia, será o caso da senhora desconfiar da sua informante... (pequena pausa) Se já disse o que desejava... parece... nada mais resta...

MME. GOMES — Imagina que eu tenha vindo aqui para offendel-a?... Se assim é... Já me apresso em rectificar qualquer expressão menos cortez...

NINI — Não accitaria sua presença aqui, para dizer-me cousas desagradaveis, como não comprehendendo seu interesse em tratar commigo sobre seu marido...

naturalmente. Que deseja afinal a senhora?

MME. GOMES — Vim agradecer-lhe e ao mesmo tempo servir-me de sua gentileza para regularisarmos a nossa situação...

NINI — Em face da sociedade?!...

MME. GOMES — Ora... a sociedade... A mim só me preocupa a minha situação perante meu marido...

NINI — Não entendo.

MME. GOMES — Resumirei. A sua intimidade com meu marido é preciosa para mim... (inspecção com o lorgnon) Felicito-me até com o bom gosto do Ernesto... Seria desairoso elle enganar-me com uma pessoa vulgar... Vamos... Será melhor o jogo franco... A senhora me presta um serviço valioso prendendo o Ernesto aqui... ou na «garçonnière» que elle montou com as 12 almofadas riquissimas que o seu bom gosto soube escolher para a installação de um refugio confortavel...

NINI — Como diz?!...

MME. GOMES — Oh!... Não vale agora o ar ingenuo... Veja que eu a trato como mulher de bom gosto e espirito forte... que tem apenas o fraco de presentear o seu predilecto com uma collecção de almofadas, para o ninho... Admiro... creia... esse chic oriental... E' distincto e... original... e felizmente não chega para humilhar-me... porque conheço o cavalheirismo de meu marido... Estou certa de que o Ernesto saberá dispendir o dobro, em homenagear os seus caprichos...

NINI — Está bem informada... Mas... que lhe interessa tudo isso?

MME. GOMES — Muito mais do que póde parecer... Imagine o caso de me convir o afastamento de meu marido...

NINI — Como?!... Não gosta de seu marido?

MME. GOMES — Que disparate! Se gosto? Pois não vê que procuro até favorecer uma oportunidade... para vel-o feliz... ao lado da senhora?

NINI — Aproveitando-se da ausencia d'elle...

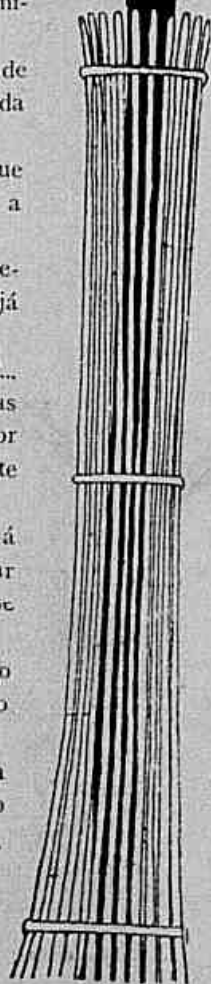
MME. GOMES — Oh! «Profiteuse»... eu?!... Não... minha senhora... Eu já tenho a vida regularizada de vez... definitivamente. O Ernesto é apenas o pae de minha filha... Nada mais... O coração d'elle não me pertence... nem me interessa... ha muito... Não tenho necessidade de sacrificar-lhe um affecto que elle não comprehenderia... Sou livre... tão livre quanto a senhora... Jamais perturbei a sua tranquillidade... Acredite...

NINI — Que pretende... então?

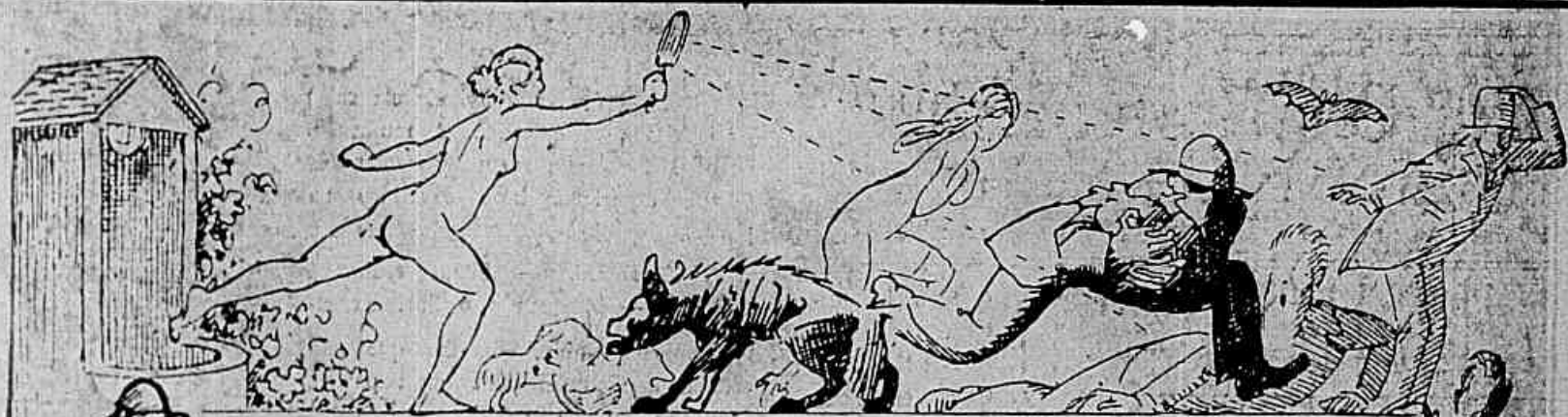
MME. GOMES — Um pequeno accordo...

NINI — Oh!...

MME. GOMES — Julguei que desse maior valor ao meu empenho de não impedir a sua felicidade...



[illegible]



POR TRAZ DOS PANNOS

Caixa

O actor João de Deus voltou á actividade no theatro Recreio.

— E é o diabo isso — commentava o Luiz Palmeirim.

— Todo o mundo já quer saber quem é a nova deusa...

Bam... bolinas

O joven barytono abandonou, de uma vez para sempre, o theatro da opereta. Correm á respeito varias versões.

O Mario Nunes afirmou que a causa é uma loura creatura, côr de café á ingleza e que costuma ficar num sobrado ás horas mortas da noite, esperando...

O Oduvaldo assevera que o motivo de tão grande perda para o nosso theatro musicado, é uma artista, de côr amorm...

nada que lá está, pelo Braz, em São Paulo, a ganhar flores, rosas, vermelhas, azues, brancas, etc. Houve, pore n, uma artista cantora que conidenciou, no Jardim do Republica, ao Marques Pinheiro:

— Isso tudo são theorias. Elle vae para a comedia porque não tem geito nenhum para o canto...

— Commigo, elle tentou varias vezes fazer uma temporada...

E concluindo:
Aquillo é só «garganta».

Cama... rim

O obeso conquistador conseguiu entrar no camarim da gentil estrella.

de para casa as almofadas...

CARMITA — São doze...

MME. SILVARES — Que disparate!...

MME. GOMES — (para Mme. Silvares — enquanto Carmita vae sahindo) O diabo será se elle com todas as doze, não puder ainda dormir socegado na cama que lhe arranjei...

Jan Richora

Mão esquerda no bolso, a direita empunhando uma caixa com duas bichas faiscantes, o emulo de Chico Boia sentou-se no fôfo canapé e para iniciar a sua primeira falla de amor, sussurrou:

— Que bella cama, hein?

E a galante actriz:

— Mas tem o seu defeito...

— ?!

— Tambem rincha...

Scenarios

A roda era distincta: o dr. Raphael Pinheiro, o Gastão Tojeiro, o Armando Gonzaga.

Dahi era natural que o nome da futura actriz viesse á baila, pela voz autorizada do fogoso tribuno das placas commemorativas:

— Bonita? Não digam isso. Ella só pode é lembrar um scenario do Mario Tullio. E' tinta que não acaba mais!...

Bambinellas

O pequenino dramaturgo não gostou da classificação «piccolo bambino», que lhe deu Dario Nicodemi e prometteu vingar-se.

Segundo corre, o operoso auxiliar do Candido Costa vae escrever uma peça em homenagem ao distincto escriptor italiano.

Forão

O joven actor tem uma paixão pela collega e por isso passa os intervallos olhando para o camarim, olhando...

— Sabes o que é aquillo? — perguntou o Conceição Machado ao Ruben Gil.

— ?!

— E' a peça do Roberto Gomes, o «canto» sem palavras...

Rideau



EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto merito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopo, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Preceitos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2ª edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastoraes, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumerables gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. José Eduardo da Fonseca, (2ª edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nevroses, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos), brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônho Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rabula criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	14.000
Os Caiçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2ª edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patircha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feiticeiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mausuetto Bernardi, brochado	3.000
Os Allidos, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O El gante Doutorzinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1ª parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2ª ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Valle de Josephat, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2ª edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prosas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, preafcio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

T elephones: Central 250 e 38

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre..... 13\$000
Numero avulso \$300

Capital:

Numero avulso \$500
» atrazado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina..... 200\$000 1/8 pagina 35\$000
1/2 " 110\$000 Capa a duas côres.... 450\$00
1/4 " 60\$000 " » trez " 600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

M Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens
MATIGON

Pharmacias **ORIENTAL e WERNECK**

Loteria do Rio Grande

Pagamento immediato e integral

Ordem das Extracções em Agosto 1922

Data da extracção	Premio maior	Valor do bilhete	Valor da fracção	Bilhetes que jogam
7 de agosto	100:000\$000	30\$000	3\$000	18.000
11 > >	20:000\$000	60\$000	6\$000	15.000
18 > >	100:000\$000	30\$000	3\$000	18.000
25 > >	100:000\$000	30\$000	3\$000	17.000
31 > >	200:000\$000	60\$000	6\$000	15.000

A VOSSA SORTE ESTÁ NO

CAMPEÃO DO SUL

AGENCIA GERAL DE LOTERIAS

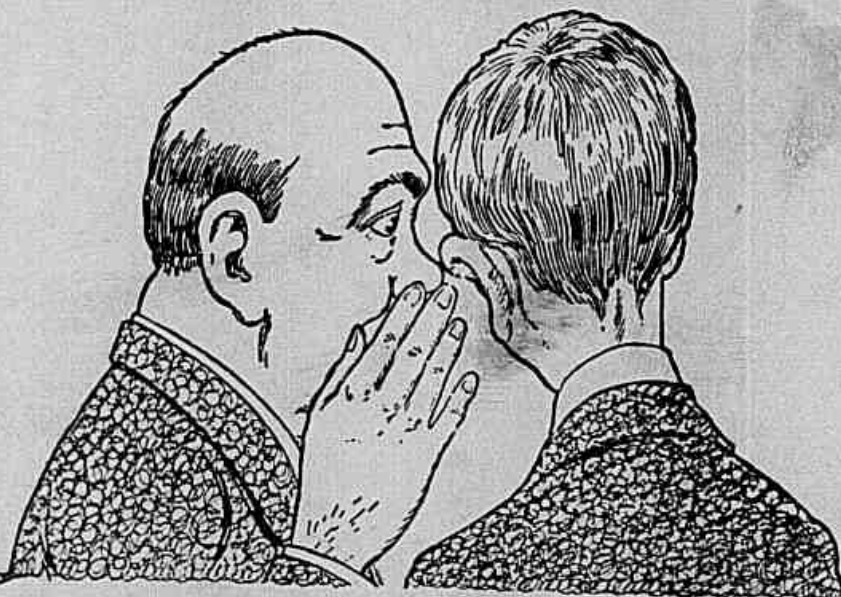
Raul C. Beirão & C.

6, RUA RODRIGO SILVA, 6

Caixa Postal 2166-Tel.: C. 2326

End. Telegr. **CAMPEÃO**

RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 - RIO